

NOVOS RUMOS

PUA e Servidores Farão Comício Amanhã (Dia 20) Pelo 13º a Partir de 1963

ANO V — Rio de Janeiro, 20 e 26 de dezembro de 1963 — Nº 252

O Pacto de Unidade e Ação e o Comando Geral dos Previdenciários vão realizar, amanhã, sexta-feira, às 17h30m, na escadaria do edifício do Ministério do Trabalho, uma assembleia de reivindicação da extensão do 13º mês de salário a todos os servidores públicos federais e autárquicos, a partir de 1963. A assembleia deverão comparecer milhares de

trabalhadores, já mobilizados pelo PUA e pela liderança dos servidores da previdência e outros setores do serviço público federal. Em solidariedade participarão do comício trabalhadores na indústria do petróleo, e representantes de todas as organizações sindicais, como CGT, CPOB e Fórum Sindical de Debates, de Santos. (Pág. 2).

Ato Público hoje nos Metalúrgicos (68) SOLIDARIEDADE, A CUBA E RESPEITO AO DIREITO DE AUTODETERMINAÇÃO

A nova provocação desencadeada contra Cuba pelo títere venezuelano de Washington, Romulo Betancourt, vem provocando a mais viva repulsa do povo brasileiro, que se mobiliza em solidariedade ao povo irmão da ilha e luta para que o Brasil, como de outras vezes, mantenha firmemente na OEA sua posição de respeito ao princípio de autodeterminação dos povos e contrária à intervenção direta ou indireta naquele país. Além de outras manifestações programadas, realiza-se hoje, às 20 horas, no Sindicato dos Metalúrgicos da Guanabara, grande ato público de solidariedade ao povo cubano e contra uma nova agressão. Também está sendo divulgado um manifesto, assinado por dezenas de parlamentares (entre eles o deputado Leonel Brizola e os senadores Arão Stelabruch e Vasconcelos Tôrres), líderes sindicais e estudantes, intelectuais e trabalhadores denunciando a nova provocação. O manifesto com as assinaturas está na 7ª página. Em sua Crônica de Brasília, na 2ª página, o deputado Marco Antônio denuncia marobas no Itamarati para levar o Brasil a romper com Cuba.

Congresso Dos Camponeses Vai Fundar a Confederação Dos Trabalhadores Rurais

Amanhã, sexta-feira, dia 20, a partir das 8 horas, no Sindicato dos Bancários (Av. Presidente Vargas, 502, 22º andar), será realizada a assembleia de eleição e posse da diretoria da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura, organização de cúpula já prevista nos estatutos de trabalhador rural. Participarão do ato cerca de 18 federações, cada uma com quatro delegados, oriundos de mais ou menos dez Estados do país.

CGT, PUA, etc.

Para a assembleia foram convidadas entidades sindicais urbanas, assim como o Pacto de Unidade e Ação (PUA) e o Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), órgão máximo dos trabalhadores brasileiros.

Assembleia de posse da diretoria e ser eleita na ocasião, previsto para as 19 horas, estarão presentes o ministro do Trabalho e o presidente da SUPRA, sr. João Pinheiro Neto. Espera-se também a presença do sr. João Goulart.

PRELIMINAR HOJE

No mesmo local — Sindicato dos Bancários — será efetuada hoje, dia 19, uma reunião preliminar, sob os auspícios da Comissão Nacional de Sindicalização Rural, a fim de organizar os trabalhos da assembleia de amanhã.

ISEB: Nova Turma Recebe Diplomas em Festa Nacionalista e Democrática

No próximo dia 20, às 20,30 horas, no salão do IAPC, terá lugar a sessão solene de formatura da turma de 1963 do Instituto Superior de Estudos Brasileiros.

O governador Miguel Arraes e o deputado Leonel Brizola, respectivamente, foram escolhidos pelos alunos como patrono e parainfante. Serão homenageados também, durante a solenidade, as seguintes personalidades: Oswaldo Pacheco, representante do CGT; José Serra, presidente da UNE; sub-oficial Gelci Correia, representando as Forças Armadas; Ignácio Rangel, pelos intelectuais, e os deputados federais Neiva Moreira e Temperani Pereira, da FPN. Homenagem especial será prestada ao ex-ministro Paulo de Tarso.

Durante a solenidade, o deputado Leonel Brizola falará à Nação.

Solução Para a Crise: Novo Governo, Baseado Nas Forças Progressistas

43 Associações Pedem Anistia Para Sargentos

Mais de 40 organizações políticas, sindicais, estudantis, intelectuais e populares integram-se efetivamente na campanha pela anistia aos sargentos. Líderes sindicais que se encontram presos em função dos acontecimentos de 1964, também integram-se.

Realizada no dia 19, no salão da Guanabara, e com a presença de diversas entidades sindicais e populares, realizou-se grande ato público pela anistia aos sargentos e em solidariedade a suas famílias (foto). De manifestação, durante a qual foi lida uma carta do sargento Almoré à sua filha e aprovado um documento exigindo anistia imediata, participaram, entre outros, os deputados Leonel Brizola e Adão Pereira Nunes, o representante do ex-ministro Arão Stelabruch e dirigentes do CGT, da CPOB, da Liga Feminina da UNE e do Movimento Nacionalista Feminino, além de representantes de associações de sargentos e graduados das três Armas. Reportagem na 2ª página.



NR Vai à Favela

Os moradores do Salgueiro contaram a reportagem de NR os problemas do morro e a luta que travam para resolver questões cruciantes como o da água, esgotos e saneamento. Procuram se unir para poder melhor enfrentar as situações com que se deparam e disseram que têm em nosso jornal um legítimo portavoze de suas reivindicações. NR também esteve com os moradores do Pasmado, ameaçados pelo delírio demagógico de Lacerda, que quer despejá-los para Bangu, obrigando-os a comprar as casas (sic) da chamada «Vila Aliança». Os moradores do Pasmado estão resistindo ao despejo que, se se concretizar, poderá levar ao desemprego centenas de trabalhadores. Reportagens nas páginas 6 e 7. Na foto ao lado, NR no Salgueiro.



A formação de um novo governo, apoiado nas forças nacionalistas e democráticas e formado por homens a elas vinculados é, hoje, uma exigência irrefreável da esmagadora maioria da Nação. Só um governo desse tipo, armado com um programa de firme inspiração patriótica e progressista, e contando com o decidido apoio das grandes massas do povo, terá condições de converter em realidade as reformas de estrutura, golpear a espoliação imperialista e suprimir odiosos privilégios que estão levando o nosso povo a uma situação cada dia mais aflição.

A dura experiência até agora vivida pelo País mostrou que os governos de orientação reacionária, resultantes de espoliações ou conchavos entre as cúpulas representativas do imperialismo e do latifúndio, fracassaram totalmente. Das décadas de ministérios que se vêm sucedendo, cada qual apresentando «soluções» diversas na aparência, mas visando todas, no fundo, manter a dependência ao imperialismo e conservar a superada estrutura econômico-social que aí está, chegamos a um resultado espantoso: o custo de vida se eleva 100% ao ano e o desenvolvimento econômico tende à estagnação.

O povo brasileiro adquiriu a consciência de que nenhuma solução pode mais esperar dos velhos esquemas de Poder, da «boa vontade» dos esquadres lanques, das manobras e acordos com as cúpulas reacionárias responsáveis pelo incessante agravamento das condições de vida das grandes massas. Daí o impressionante apoio que vem encontrando no seio de nosso povo e de todas as camadas progressistas da sociedade brasileira a exigência formulada no sr. João Goulart pelas forças nacionalistas e democráticas: que se constitua um novo governo, composto por homens identificados com os anseios de emancipação, progresso e liberdade de nosso povo e capaz, por isso mesmo, de levar à prática uma política renovadora, à base de um programa que leve à efetivação das reformas de estrutura, ao rompimento com a dependência ao imperialismo e à ampliação dos direitos democráticos do povo. Essa exigência, formulada no pronunciamento subscrito pelas entidades representativas dos trabalhadores, dos camponeses, dos parlamentares nacionalistas, dos estudantes, das mulheres, da intelectualidade e apoiada por homens públicos do prestígio do deputado Leonel Brizola e do governador Miguel Arraes, transforma-se rapidamente num movimento nacional, apoiado calorosamente por todas as camadas do povo.

Chegou o momento de formar-se no País um governo sem compromissos com o entreguismo e a reação, um governo voltado resolutamente para os interesses nacionais e do povo, digno da confiança das grandes massas. Lutar por esse objetivo é, hoje, a grande tarefa das forças nacionalistas e democráticas. (Editorial e noticiário na 3a. página).

INSTITUTO DE INTERCAMBIO CULTURAL BRASIL-URSS

Comemorando o seu 10.º aniversário, fará realizar ato festivo no auditório da ABI (9.º andar), às 19 horas do dia 21 do corrente, com a apresentação de Heitor dos Prazeres e seu conjunto. ENTRADA FRANCA.

Arthur Cantalho

(Conselheiro de União dos Portuários do Brasil e secretário da Confederação dos Servidores Públicos do Brasil)

Acompanhado de mensagem do Executivo, está na Câmara Federal o projeto que institui o 13.º salário para os servidores públicos. Assim, o Governo está dando a impressão de querer reparar uma injustiça, uma vez que, atualmente, os empregadores particulares estão obrigados (muito justamente, aliás) ao pagamento do 13.º salário, mas, contraditoriamente, da mesma obrigação, em relação aos seus servidores, está isento o Governo.

A simples apresentação de um projeto à Câmara dos Deputados, não pode servir de elemento tranquilizante para os servidores públicos. Muito ao contrário, deve servir de estimulante para a luta pela conquista do 13.º salário. Foi com luta que os trabalhadores em empresas privadas conquistaram o 13.º salário. E é bem recente, para que possa ser esquecido, o exemplo da luta pela Paridade, a qual, para ser votada, precisou da invencível pressão dos marítimos, portuários e ferroviários.

Já está havendo luta pela conquista do 13.º salário para os servidores públicos federais e autárquicos. Os previdenciários realizaram magníficas assembleias e voltarão a se reunir novamente. Os servidores civis do Ministério da Marinha também realizaram uma grande assembleia, além de duas passeatas, nas quais demonstraram que um novo e poderoso contingente estará presente, daqui por diante, nas lutas dos servidores públicos e dos trabalhadores em geral. Os ferroviários da Central do Brasil estão mobilizados em torno da reivindicação do 13.º salário.

Portuários e marítimos são duas forças que não podem, é claro, ficar alheias a toda essa movimentação. Com uma boa tática de luta será certa a conquista do 13.º salário. E a boa tática é aquela que une todas as forças interessadas na reivindicação. Precisamos, urgentemente, nos entrosar. Previdenciários, marítimos, portuários, ferroviários, servidores civis do Ministério da Marinha, etc. Precisamos entrar em acordo, marcar uma monumental assembleia pública (nas escadarias do Palácio Tiradentes), onde, coletivamente, poderosamente unidos, dariamos ao Parlamento o prazo para aprovação do 13.º salário.

A campanha pela conquista do 13.º salário servirá, assim, para reforçar, mais e mais, a unidade dos trabalhadores brasileiros.

Guanabara

Servidores do DNER

Os servidores do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem conquistaram, após demorada luta reivindicatória, a gratificação quinzenal a ser contabilizada pelo plano diretor daquele Departamento.

Palhano relata Conferência

O presidente da CONTEC, Aluisio Palhano, relatou aos dirigentes do CGT o que foi a participação da delegação brasileira na Conferência Plenária do Comitê Sindical de Luta Antimonopolista transcorrida recentemente em Leipzig, na República Democrática Alemã.

Nessa Conferência, patrocinada pela Federação Sindical Mundial, ficou estabelecido que a luta contra os monopólios constitui uma inestimável contribuição dos operários à causa da paz e do bem-estar dos povos.

Light: aumento salarial

Os trabalhadores da Light reuniram-se, em assembleia, no dia 13, às 19 horas, no Sindicato dos Metalúrgicos, para estudarem as bases da proposta salarial a ser encaminhada aos empregadores.

Além das deliberações sobre a questão da revisão salarial, pois o novo contrato deverá vigorar a partir de janeiro, discutiram os trabalhadores a respeito da ação conjunta a ser desencadeada pela conquista do abono de Natal, que a empresa se recusa a pagar após a concessão do 13.º mês. O Comando de Carris, Energia, Gás e Telefone está coordenando as ações.

CGT cuida do móvel

O Comando Geral dos Trabalhadores enviou uma delegação de líderes sindicais a Brasília com o objetivo de interceder junto aos deputados nacionalistas, no sentido de corrigir alguns erros no substitutivo do projeto de salário móvel em tramitação no Congresso.

Itaguaí: Camponeses Festejaram Entrega de Títulos Exigindo Reforma Agrária

Dois mil títulos de propriedade de terras foram entregues a lavradores de Itaguaí, sábado passado, pela Superintendência da Política Agrária (SUPRA). Em uma reunião de mais de 15 mil camponeses, com a presença do presidente João Goulart, do sr. João Finheira Neto, do governador Badger Silveira, senador Vancencios Torres, e deputados federais Adão Pereira Nunes e Luiz Gonzaga de Paiva Muniz.

No discurso que pronunciou, o presidente João Goulart pregou a urgência da reforma agrária e da extensão do direito de voto e elegibilidade aos analfabetos e esclareceu que essas providências não poderão ser tomadas pelo governo federal isolado, e sim com o concurso do povo.

Reformas já

Disse o sr. João Goulart que os cartazes empunhados pelos lavradores, ali no local onde estavam reunidos em frente ao palanque do presidente da República, exprimiam, com seus dizeres, objetivos que são também os do governo federal, "que está disposto — res-

saltou — a realizar as reformas agora ou nunca". Disse o sr. Goulart que os camponeses, junto com o Governo, através dos sindicatos e federações, e da SUPRA, realizam, atualmente, uma obra que realmente interessa "às mais sentidas aspirações dos trabalhadores rurais do nosso País".

Adverteu o presidente da República que "não poderemos continuar apenas nos reunindo periodicamente como hoje fazemos aqui, para entregar títulos de terras compradas com dinheiro do povo, desapropriadas dentro das limitações de uma lei e de uma estrutura que não atendem mais aos interesses do País e muito menos aos interesses do povo brasileiro".

— Aqui estamos — disse — e não se iludam os camponeses, entregando terras que o Governo está comprando de acordo com a atual Constituição, que não mais serve às necessidades atuais do Brasil. Saibam os lavradores fluminenses e todos os camponeses brasileiros que aqui mesmo, no Estado do Rio de Janeiro, muitas das terras inicialmente desapropriadas pela

SUPRA estão sendo objeto de contestação judicial e que se nós não reformarmos a Constituição como deseja o povo brasileiro o governo federal será amanhã obrigado a usar o dinheiro do povo para pagar um preço exorbitante pelas terras que tem o dever de entregar aos que podem e desejam fazê-las produtivas.

Povo é Que Reforma

Afirmou o presidente que as reformas sociais, políticas e econômicas "não se fazem apenas da vontade de um homem, mesmo que esse homem seja o presidente da República". — Sei que tenho diante de meus olhos lideranças amadurecidas e esclarecidas, lideranças que sabem perfeitamente que as grandes reformas sociais não se conquistam através de uma caminhada maciça, num terreno de flores, num campo sem lutas, com entendimentos e festas e apenas em encontros entre o Governo e trabalhadores. Mas confortados também, trabalhadores, esta realidade que está aqui, e a realidade ninguém pode encobri-la por muito tempo. Disse depois o sr. Goulart

que a reforma agrária não é o único objetivo por que luta o Governo: é necessário também estender, por meio da reforma da Constituição, o direito de voto e elegibilidade aos analfabetos. "Não se compreende — declarou — que muitos destes trabalhadores que aqui estão, e outros milhares que nos ouvem, que participam da vida do País, que lutam dentro do Brasil, que são explorados pelas camadas mais privilegiadas, não possam exteriorizar o seu pensamento que devem dirigir os destinos do Brasil".

Voz do Lavrador

Em nome dos trabalhadores, discursou o sr. Bráulio Rodrigues, da Federação das Associações de Camponeses do Estado do Rio, que manifestou, mais uma vez, a convicção geral dos trabalhadores rurais — a da necessidade da reforma agrária. Solicitou também ao presidente da República que determine fiscalização severa do convênio da SUPRA com o governo estadual fluminense, para que seja bem aplicada a verba de financiamento das as-

fras. Informou ao presidente que dos 80 milhões entregues pela SUPRA ao chamado "Plano Agrário" do governo fluminense, "nenhum tostão foi aplicado em nenhuma área desapropriada no Estado do Rio".

Externou o sr. Bráulio Rodrigues, também, uma outra reivindicação dos camponeses do Estado do Rio: a de que seja retirada imediatamente da fazenda Agro-Brasil a polícia que lá está, e que as terras dessa fazenda sejam logo entregues ao povo, ameaçadas de expulsão pelo grilão e ex-senador Jerônimo Coimbra Bueno. Salientou o sr. Bráulio que é preciso que a SUPRA comece a pressa a colonização das terras que tem desapropriado. Finalmente, denunciou o executor do "Plano Agrário", padre Carvalho, por distribuir sementes podres aos lavradores.

Voleio Badger

O governador Badger Silveira foi levado ao chegar ao palanque do presidente da República, por causa da ação de despejo de lavradores, em Agro-Brasil, tentada pela polícia do Estado.

Pela Libertação de Plácido e Delellis: Passeata Dia 27 e Novo Habeas Corpus

SAO PAULO (Da sucursal) — Pequeno incidente ocorrido na Assembleia Legislativa do Estado, dá bem uma amostra do ambiente que se respira nas cúpulas governamentais do Estado. O deputado José Gomes de Sousa, diretor do Sindicato dos Metalúrgicos, atualmente exercendo o mandato parlamentar por alguns dias, em virtude da licença concedida pelo deputado Cid Franco, desenvolvia algumas considerações em torno de memorial enviado àquela Casa pelo Pacto de Ação Conjunta.

A certa altura, denunciou com veemência os contínuos ataques às liberdades democráticas e sindicais efetuados pela polícia de Ademar de Barros, considerando, ao mesmo tempo, a "sórdida trama golpista" em que se procurava envolver os líderes metalúrgicos Delellis e Plácido. Como se picado por uma cobra, saltou de sua poltrona o deputado Luciano No-

gueira Filho, do PSD (partido que está também no governo, em São Paulo), exigindo que a mesa "policial" fosse desmontada pelo orador.

Vários deputados entenderam, instantaneamente, que o que pretendia o sr. Nogueira Filho era intimidar o orador, percebendo de ser este um trabalhador pouco afeito a discursar em ambientes como aquele. Os sr. Farabullini Jr., Roberto Cardoso Alves e outros parlamentares protestaram e exigiram que a Mesa garantisse a palavra ao parlamentar socialista. O sr. Gomes de Sousa continuou até o fim do seu discurso.

Ademar Proíbe Passeata

Enfiando na própria cabeça a carapuça, o ardoroso defensor do sr. Ademar de Barros nada mais fez do que confirmar as notórias ligações do governo esta-

dual com os "gorilas" que, a pretexto da revolta dos soldados e da prisão dos dirigentes sindicais metalúrgicos, articulam mais uma grossa provocação. Ainda na sexta-feira, dia 13 — dia em que seria julgado pelo STF o "habeas corpus" impetrado em favor dos presos — novo acontecimento provava a existência dessas ligações. A Secretaria da Segurança Pública, por ordem de Ademar, proibiu a passeata em defesa das liberdades públicas e pela rápida libertação do novo salário mínimo.

O juiz José Tinoco Barreto, imediatamente, telegrafou ao secretário da Segurança Pública, manifestando-lhe sua solidariedade.

Passeata Dia 27

A publicação da passeata, para cuja efetivação centenas de policiais foram postos nas imediações do

Sindicato dos Metalúrgicos e praças centrais, não impediu que os trabalhadores tornassem pública a sua exigência de que Delellis e Plácido sejam postos em liberdade. No recinto do Sindicato dos Metalúrgicos, realizou-se concorrida reunião, com a presença de centenas de pessoas, inúmeros líderes sindicais, e o sr. Camal Scanin, representante do Partido Socialista Brasileiro. Em nome do CGT falou o líder ferroviário, Rafael Martinelli, presidente da Federação Nacional dos Ferroviários. Encontravam-se presentes também os vereadores eleitos Odon Pereira da Silva, Moacir Longo e David José Levr. Em nome deles usou da palavra o vereador Odon.

Diversos oradores expressaram a necessidade de ser marcada nova passeata. A sugestão foi aceita pelo Pacto de Ação Conjunta (PAC) que em reunião posterior programou o desfile para o dia 27 próximo.

Novo Habeas-Corpus

Ao mesmo tempo, notícia-se que o advogado de Delellis e Plácido, sr. Raimundo Pascoal Barbosa, iria requerer novo "habeas-corpus" para revogação do pedido de prisão preventiva.

Animados

As inúmeras pessoas que visitam Plácido e Delellis na prisão em que se encontram, informam constantemente os dois líderes bem animados, convictos de que serão postos, finalmente, em liberdade. Demonstram, também, a sua anedonia para voltar aos seus postos de luta, para participar das novas batalhas em que se empenhará o proletariado bandeirante.

Assembleia de Operários e Servidores Públicos Exige Amanhã 13º Salário Para Todo Mundo

Uma assembleia de que participaram ferroviários, marítimos, portuários, estivadores e funcionários públicos e autárquicos — será realizada amanhã, sexta-feira, às 17h 30m, na escadaria do edifício do Ministério do Trabalho, para exigir a concessão do 13.º salário a todos os trabalhadores, aos quais ele não foi ainda concedido e que são principalmente os funcionários públicos e das autarquias da previdência social.

A assembleia está sendo promovida e organizada pelo Pacto de Unidade e Ação — integrado pelos ferroviários, estivadores, portuários e marítimos — junto com o Comando Geral dos Previdenciários. Participarão dela, também, delegações dos trabalhadores na indústria do petróleo, na Guanabara e Estado do Rio, e representantes do Fórum Sindical de Debates, de Santos, e do Comando Geral dos Trabalhadores.

Este Ano, Ainda

Exigirão os trabalhadores e servidores públicos, na reunião de amanhã, que o 13.º salário seja concedido a partir deste ano de 1963. Se não puder ser pago amanhã, não será pago depois.

Ajuda a NOVOS RUMOS

Table with 2 columns: Name and Amount. Total Cr\$ 93.000,00

tes do Natal, a igualdade com o pagamento de três meses de férias dos trabalhadores que já o recebem desde o ano passado, deverá ser pago no mês de janeiro — mas não depois.

Para conseguirmos o 13.º salário, os trabalhadores marítimos, portuários, ferroviários e outros, além dos deputados protejam: o não podem, o exame do anteprojeto — a ele encaminhamos pela Presidência da República — de universalização do 13.º salário.

Nenhum indício há na Câmara de que seja criada uma lei que solucione a necessidade de se estender a

título o 13.º mês de salário, excluídos que foram da extensão desse benefício.

No Congresso, Nada

Enquanto operários e servidores se movimentam a fim de tornarem geral o pagamento do 13.º mês de salário, no Congresso os deputados protejam: o não podem, o exame do anteprojeto — a ele encaminhamos pela Presidência da República — de universalização do 13.º salário.

Nenhum indício há na Câmara de que seja criada uma lei que solucione a necessidade de se estender a

todos os assalariados — tenha o salário o nome que tiver: vencimento, soldo etc. — um benefício já parcialmente outorgado. Os deputados — que acabam de iniciar o que, em uma irrisória comissão mesmo, chamaram de "vigília cívica" — preparam-se para o Natal absolutamente insensíveis a um problema de parcela numerosa do povo, que é de receber um benefício a que tem pleno direito.

A necessidade e a justiça de generalização do 13.º mês de salário compõem uma obviedade. No caso dos servidores públicos, particular-

mente, ocorre a agravante apontada pelo presidente do Pacto de Unidade e Ação, Osvaldo Facheo — a de que o aumento de vencimentos que eles receberem já se esvaiu completamente, por já ser velho: data de junho passado, e de lá para cá a desvalorização da moeda foi de mais de cinquenta por cento.

novos fumos. Propriedade da EDITORA ALIANÇA DO BRASIL LTDA. Diretor Orlando Bomfim Júnior. Redação: Av. Rio Branco, 237, 17.º andar, sala 1712. Telefone 42-7844. Gerência: Rua Leandro Martins, 74, 1.º andar. Endereço telegráfico: NOVOSRUMOS. EDIÇÃO DE MINAS GERAIS. Redação e Administração: Rua dos Carijós, 111, 2.º andar, 8/204. Tel. 4-9685 - Belo Horizonte. Sucursal de São Paulo, Rua 15 de Novembro, 228, 8.º andar, sala 237 - Telefone 28-0488. Sucursal do Paraná, Rua José Loureiro, 128 - 2.º andar, sala 213 - Curitiba. Assinaturas: Anual Cr\$ 1.000,00. Assinatura Aérea: Anual Cr\$ 2.300,00. Semestral Cr\$ 800,00. Número avulso Cr\$ 20,00. Número atrasado: 60 Cr\$ 20,00. Trimestral Cr\$ 60,00. Semestral Cr\$ 1.200,00. Trimestral Cr\$ 250,00.

Recado

Aos Leitores

Mantivemos durante algum tempo, à custa de muitos esforços, o preço de vinte cruzeiros para NR. Entretanto, em virtude, dos inúmeros encargos que ultimamente têm sobrecarregado os custos de confecção do jornal (aumento periódico do preço do papel, de oficina, dos salários de gráficos e jornalistas, além de outros) vemos na contingência de elevar para 30 cruzeiros, a partir de 10 de janeiro, o preço de venda de NR.

Esta decisão, confiamos, será recebida pelos nossos leitores com a compreensão e a simpatia vóssem conta demonstradas em relação a NR.

Bulgária Começa a Importar Automóveis Feitos no Brasil

Encerrando os entendimentos mantidos em 1963 com os países socialistas da Europa, o Governo brasileiro negociou com a Bulgária a venda de cinco mil automóveis, marca "Volkswagen", que serão pagos de acordo com um sistema de trocas adotado pelos dois países.

Além de vender automóveis, o Brasil vai vender também à Bulgária 300 mil toneladas de minério de ferro, através da Companhia Vale do Rio Doce, no próximo ano. De 1970 em diante, há possibilidade de que o volume de minério de ferro a ser exportado pelo Brasil para a Bulgária chegue a dois milhões de toneladas.

A Missão búlgara que negociou a compra de automóveis do Brasil chegou ao Rio no dia 7 passado, chefiada

pelo vice-presidente do Conselho de Ministros da Bulgária, Stanko Todorov. Além dos entendimentos mantidos com autoridades brasileiras, principalmente no âmbito do Itamarati, os búlgaros visitaram instalações industriais em São Paulo, onde mantiveram contatos e verificaram as possibilidades de incremento do comércio Brasil-Bulgária.

O estabelecimento de relações diplomáticas entre o Brasil e a Bulgária foi feito em 1961: de lá para cá, a Bulgária tem vendido ao Brasil, arame farpado, adubos químicos, equipamentos diversos. Por acordo recente, a Bulgária comprometeu-se a instalar em Pernambuco uma fábrica de cebola desidratada, com projetos e equipamento técnico que fornecerá. Até agora, o Brasil vinha exportando à Bulgária principalmente café, sisal e outros produtos.

Benefícios que ora gratificação

O Sindicato dos Bancários está, no momento, empenhado em luta por melhores condições de trabalho e pagamento da gratificação de Natal independentemente do 13.º salário, pois aquela já constitui requisição da categoria.

Vendedores homenageiam Brizola

Por ocasião da comemoração do trigésimo aniversário do Sindicato, os trabalhadores vendedores viajantes do Estado da Guanabara homenagearam o deputado federal Leonel Brizola, no dia 14 último, com um almoço.

Romita resolve

Os trabalhadores nas indústrias gráficas da Guanabara reelegeram o atual presidente do Sindicato, o líder gráfico Giovanni Romita, para a próxima gestão. A eleição foi processada em sistema de chapá única.

Aeronautas: aumento foi de 60%

Foi assinado, na madrugada do dia 14 último, o novo contrato coletivo de trabalho entre os trabalhadores em transportes aéreos (aeronautas e aeroviários) e as empresas de navegação. Esse contrato assegura aos trabalhadores as seguintes conquistas:

- a) aumento geral na base de 60%, com variáveis do último acordo; b) reajustamento salarial em junho próximo, de acordo com a elevação até lá registrada pelo SEPT; c) admissão dos novos empregados só com o salário vigente; d) estabilidade temporária para os delegados sindicais; e) pagamento de taxas de insalubridade e periculosidade, regulamentadas pela portaria ministerial; f) complementação pelas empresas da diferença entre o auxílio de doença pago pelo Instituto e o salário do funcionário; g) desconto de 20% do aumento alcançado para o Sindicato; h) formação da comissão paritária para padronizar os salários dos aeronautas com garantia de um salário fixo correspondente a dois terços do máximo de horas permitido; i) abolição do teto salarial.

Químicos na luta

Os químicos-industriais, engenheiros-químicos e técnicos de produtos farmacêuticos realizaram a sua assembleia no dia 12, na sede da Associação Brasileira de Imprensa. Discutiram os trabalhadores acerca da proposta a ser enviada às entidades patronais. O atual contrato termina no dia 31 próximo. O novo contrato prevê a reindicação será da ordem de 100% sobre os salários vigentes.

Marceneiros, hoje, em mesa-redonda

Será realizada hoje, no Departamento Nacional do Trabalho, uma mesa-redonda entre representantes dos trabalhadores marceneiros e os patrões para encaminhamentos acerca do aumento salarial reivindicado pelos oficiais de serraria.

O encontro, que já devia ter sido realizado no dia 11 do corrente se não fosse o boicote das entidades patronais, representará um passo a mais na conquista dos 100% reivindicados pelos trabalhadores.

Ferrovários: posse dia 28

Será realizado, no dia 28 próximo, às 20 horas, o ato de posse da nova Direção do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Ferroviárias da Zona da Central do Brasil.

Naquela oportunidade será também instalada a nova sede social da entidade, à Rua Santana, 77, local programado para a solenidade.

Estado do Rio

3º Encontro Sindical dos Trabalhadores Fluminenses

Em preparação ao III Encontro dos Trabalhadores Fluminenses, a ser realizado no dia 21 e 22 do corrente mês em Nova Friburgo, os trabalhadores de Angra dos Reis realizaram, no dia 14, o seu I Encontro Sindical. No ato foi escolhida a delegação composta dos líderes sindicais Luiz Lobato Vieira, Nelson Corrêa Guimarães, Orlando Marques, Manoel do Rosário, João Rosa Filho, José Afonso Ramos, José Maria Noronha, Newton Coelho, Maciel Costa e José Angélio Freire, que representarão os trabalhadores de Angra no encontro que vem sendo agudado com ansiedade pelos trabalhadores fluminenses.

Por outro lado, os operários de Barra do Piraí realizaram também, no dia 15, na sede do Sindicato de Energia Elétrica, o seu Encontro Sindical, onde foram debatidos problemas econômicos e sociais da atualidade e escolhida a comissão que deverá comparecer a Nova Friburgo, para o Encontro. Enquanto isto, no mesmo dia eram eleitos em Cabo Frio trinta delegados pertencentes à Companhia Nacional de Alcatril, trabalhadores do Sal, Resistência, Construção Civil, etc., que participarão do Encontro.

Delegações de todos os municípios fluminenses, entre eles Casimiro, Campos, Niterói, Petrópolis, Nova Iguaçu, Teresópolis, São Gonçalo e outros mandarão seus representantes ao Encontro.

Além de delegações camponesas de municípios vizinhos, deputados federais e Estaduais, senadores e o ministro do Trabalho, foram convidados pela comissão organizadora do Encontro, para tomar parte deste Encontro, onde vão ser debatidos problemas de interesse do operariado fluminense e nacional, além dos problemas mais prementes que afligem o povo brasileiro.

Nova Diretoria

A Federação Fluminense da Juventude, entidade que congrega a juventude estudantil, operária e camponesa do Estado do Rio, elegeu e empossou sua nova diretoria, tendo à frente o ex-dirigente estudantil Waldomiro Kwalsinski.

Romper o Conchavo

Os chefes carcomidos do PSD arrastam as pressas seus liderados para pôr em funcionamento sua máquina de pressão. Procuram eles impedir que se recomponha o Ministério num sentido progressista, passando a apoiar-se o Governo em outro sistema de forças, nacionalista e democrático, adotando em consequência nova política, que se afaste do comprovadamente fracassado caminho das impossíveis soluções conciliatórias com os inimigos da Nação e siga pelas amplias vias das soluções efetivas dos problemas de nosso povo. O papel que a cúpula retrógrada do PSD representa no Governo se torna indistigável. Trata de impedir que se realize qualquer transformação de estrutura na sociedade brasileira. Quer que permaneça intocada, nos seus elementos básicos, a situação atual, continuando o País a ser espoliado pelos monopólios estrangeiros e entravado pelo latifúndio desumano e antieconômico. Este é o preço da conciliação, cobrado pelo PSD na aliança com o PTB. E sobre os ombros do povo recaí, sem dúvida, pagamento tão alto e oneroso, que representa um contínuo acréscimo de sofrimentos e privações.

Por isso mesmo, é hoje mais evidente, para amplos setores da população, a necessidade de

se mudar de rumo, de se romper esse conchavo falido, sendo afastados do Governo os setores que nele representam os interesses reacionários. Daí o vigor do impulso inicial da campanha por um novo governo e uma nova política. O documento a respeito divulgado contou com o apoio das organizações que representam as forças decisivas de nosso povo, os trabalhadores, os camponeses, os estudantes, os intelectuais, as mulheres, os parlamentares nacionalistas, os militares patriotas. E nesse apoio se uniram diferentes correntes de opinião, todas identificadas na compreensão comum da necessidade de somar esforços na luta pela conquista de um governo nacionalista e democrático, como primeiro e importante passo no sentido da solução dos problemas fundamentais de nosso povo.

Hoje, mais do que ontem, a situação que o País atravessa torna mais favoráveis as condições a que as forças progressistas alcancem a vitória. É entretanto indispensável que se fortaleça e amplie a unidade já atingida e que sua ação se desenvolva mais estreitamente coordenada. Por outro lado, o pronunciamento das lideranças, da direção das organizações, deve servir de base e ponto de partida a um efetivo e organizado movimento de massas, de modo a que sua influência venha a ser decisiva no desenrolar dos acontecimentos.

Cuba e o Itamarati

Vou, hoje, tratar de um problema que não foi de respeito aos bastidores do Congresso Nacional, mas sim a coluna que está acontecendo no Itamarati, em função do chamado caso cubano.

Tudo se iniciou com a famosa denúncia do governo venezuelano, numa antevéspera eleitoral, a propósito de uma descoberta de armas cubanas no vizinho país. A notícia, ao primeiro instante, só provocou comentários de Betancourt armou um escândalo para reforçar seu candidato. Logo em seguida, vários observadores ironicamente agregavam o raciocínio de que não era crível que guerrilheiros da FALN, que chegam a prender oficiais americanos em Caracas, procedessem de maneira tão inepta e descuidada. Um ex-ministro do Exterior do Brasil chegou a dizer: a propósito da denúncia do governo venezuelano, que o caso fazia lembrar a história de um criminoso que de fora se arma no próprio local do crime com uma etiqueta dizendo onde estavam as impressões digitais, a fim de poupar um maior trabalho aos policiais.

Entretanto o ridículo e as observações dos mais sensatos, começaram os homens do Departamento de Estado na OEA a mexer com os cordões; e, agora, a América Latina vê-se novamente às bordas de uma nova crise na área do Caribe. Outros fatos armam o quadro geral da conspiração que, por sinal, é a primeira após o assassinato do presidente Kennedy, o que lança ao ar a seguinte indagação: Foi para isso o crime de Dallas? Essa pergunta tem o seu propósito, pois que se, por várias vezes, agentes secretos lançam a liquidar políticos da América Latina, por que recuariam diante do propósito de afastar o seu presidente que vinha tentando criar um clima de coexistência com a Cuba socialista? E os jornais neste começo de semana, dão uma notícia significativa: refiro-me ao afastamento do sr. Martin do cargo de subsecretário do Departamento de Estado para a América Latina. Para substituí-lo, foi nomeado o senhor Thomas Mann, que tem, como pedreiro, o fato de ter sido um dos mais destacados colaboradores do falecido Foster Dulles e adepto rancoroso da velha política do "big stick". Completando o quadro, tivemos também

o episódio da eleição do presidente da OEA. Ali, os americanos impediram que fosse eleito o representante brasileiro, forçando a vitória do peruano, que é conhecido como um dos gorilas mais despidurados da Organização Interamericana.

Visto o panorama na OEA e nos Estados Unidos, vejamos agora o que sucede nos bastidores do velho palácio do Itamarati. De início, tem-se de revelar um fato pouco conhecido do grande público: nestes últimos seis meses foram substituídos quase todos os elementos da velha equipe, que introduziu importantes alterações em nossa política externa. Os elementos que articularam a posição brasileira em Punta del Este cederam o seu lugar a intrínsecos defensores da política inquebrantável, como os embaixadores Celso Raul Garcia e Lucílio Haddock Lobo. Quanto ao chanceler, suas posições políticas são sinuosas, revelando sempre um profundo desprezo pelas forças populares e progressistas do País, consideradas por ele como desunidas e até desmoralizadas. No fundo, quase o mesmo comportamento de um Horácio Lafer, de um Raul Fernandes ou João Neves da Fontoura. Mas, o pior é que, oficialmente, fundamenta a posição capituladora com uma informação incrível: diz que é preciso que se leve em conta a existência do chamado Tratado de Tordesilhas, ou seja, do convênio entre os Estados Unidos e a União Soviética, pelo qual deveria esta de cumprir qualquer obrigação para com o governo de Fidel Castro.

Assim se explica a absurda posição do Brasil nas últimas reuniões do Conselho da OEA e a atitude conciliadora do nosso Ministério das Relações Exteriores, que busca alterar a conduta brasileira em defesa do princípio da autodeterminação e da não-intervenção. Afirmando isto pois que jamais o Itamarati poderia ter concordado com duas propostas que endossou: primeira — a de convocar uma reunião de consulta nos termos do Tratado do Rio de Janeiro, ou seja, para aplicar sanções previstas nesse Tratado face à acusação venezuelana contra Cuba; segunda — não poderia aprovar a constituição de uma comissão da OEA para investigar os fatos. Com toda a malícia, o Itamarati estabeleceu certas premissas para chegar ao

que desejam os lanques, isto é, a ruptura de relações diplomáticas do Brasil com o governo de Havana. Convém lembrar que, por uma decisão de dois terços na reunião de consulta, de acordo com o Tratado do Rio de Janeiro, poderão os lanques exigir do Brasil essa decisão de nosso Governo.

Muitos perguntam: por que não age agora o Itamarati como se conduziu em Punta del Este? A resposta é simples: o Ministério das Relações Exteriores está exatamente fazendo o oposto do que pode assistir na conferência de janeiro de 1962. Ao invés de tomar como ponto de partida uma posição de resistência para obter apoio das demais chancelarias do Continente, fica agora na atitude atemorizada de quem aceita a ruptura de relações, não vendo a possibilidade de outros países acompanharem qualquer gesto de resistência de nossa parte. Finalmente, assinala-se ainda a declaração veiculada pela chancelaria de que, sob a condição, não tem ainda uma posição firmada, porque aguarda os resultados da comissão de investigação da OEA... Supremo desprezo à maturidade política brasileira!

Porém, nem tudo está perdido. Felizmente, do ponto de vista interno, o panorama é favorável às forças progressistas. Havendo uma rápida ação popular contra as perigosas manobras do Itamarati, o quadro se altera. Já o ministro Araújo Castro foi obrigado a vir prestar contas a deputados nacionalistas. Mas o que devemos reclamar de concreto, a fim de não permitir que o Brasil se curve às imposições norte-americanas? Entre outras coisas, devemos reivindicar que nossos representantes estabeleçam, na OEA, a seguinte posição essencial e inarredável: partindo de que tudo isso representa uma ameaça à paz mundial, devemos propor que a denúncia da Venezuela seja encaminhada às Nações Unidas. Este é o local próprio para a tomada de decisões, desde que não existe um clima de imparcialidade e, inclusive, está presente o governo cubano. Se Cuba foi excluída da OEA, esta não pode mais tratar de qualquer assunto com ela relacionado. Eis o caminho que pode seguir o Itamarati, se deseja interpretar realmente a vontade de paz do povo brasileiro.

Significado da Instrução 258

A Instrução n.º 258, da SUMOC, constitui um importante passo à frente, para solução do problema de ampliação de nossa pauta de exportações. De fato, como a maior parte da nossa produção industrial ainda é dependente de suprimentos do exterior, o nosso balanço de pagamentos é fortemente onerado pelos itens representativos da importação de insumos, das amortizações de principal, juros, royalties, etc., sem qualquer contrapartida.

A consequência lógica dessa situação é o agravamento do processo inflacionário, visto que o Governo é obrigado, ante a pressão dos influentes setores industriais, a manter, a peso de emissora, uma demanda artificial de produtos industrializados.

Outros aspectos negativos da estagnação das nossas exportações são:

- a) o aumento do prestígio dos exportadores de produtos tradicionais (café, cacau) os quais, por gozarem de inúmeros benefícios, são os únicos que têm condições de continuar vendendo para o exterior; e
- b) mascarar a causa real de não se venderem determinados produtos para áreas importantes, e que são as cláusulas de reserva de mercado impostas pelas matrizes às suas afiliadas do Brasil.

A nova Instrução, sem alterar a presente cotação do cruzeiro, cria duas bonificações a serem pagas ao exportador, juntamente com o contravalor das divisas entregues ao Banco do Brasil:

- a) a 1.ª, variável periodicamente, proporcional à elevação dos custos internos de produção; e b) a 2.ª, fixada em 10% do valor da taxa + 1.ª, classificada como restituição parcial de impostos.

Acreditamos que o novo sistema poderá proporcionar apreciável incremento de nossa receita cambial desde que seja cumprido, pelas nossas autoridades, um austero programa de disciplina, o qual deveria abranger, por exemplo:

- a) — restrição da venda de câmbio pelo Banco do Brasil às empresas industriais, a qualquer título, ao máximo de 30% do montante das exportações de manufaturados que realizarem, de acordo com a Instrução n.º 249, da SUMOC; e
- b) — inclusão das exportações rea-

lizadas como fator adicional de julgamento de qualquer pretensão futura de obter registro de financiamento ou investimento estrangeiro, bem como favores creditícios nos estabelecimentos oficiais.

Finalmente, a fim de que se possa bem ajuizar da importância do novo instrumento para a dinamização do nosso comércio exterior, convém que se apontem alguns pontos negativos de sua formulação.

A primeira, no nosso entender, é a maneira pela qual foi definida a forma de incidência da nova sistemática. As categorias citadas na Nomenclatura Brasileira de Mercadorias abrangem produtos que, na atual conjuntura, não necessitariam de um estímulo tão forte.

Entendemos que melhor teria sido firmar-se o critério da seleção, pelos órgãos governamentais competentes, dos produtos ilegíveis dentro os que têm menor participação em nossa pauta de exportação.

Outro ponto importante que merece reparos é o da fonte dos recursos em cruzeiros indispensáveis à manutenção do mecanismo implantado. Segundo dados incompletos (boletins das principais bolsas de valores do país) a arrecadação global dos ágio da categoria especial gira em torno de Cr\$ 1 bilhão por mês. Dentro em pouco, por conseguinte, estarão as nossas autoridades diante da seguinte escolha:

- a) — transferência de determinados produtos da categoria geral para a especial, a fim de aumentar a procura e, em consequência, a receita de ágio; e
- b) — extinguir o depósito de 200% ora incidente sobre as importações da categoria especial (Instrução n.º 256, da SUMOC), o que levaria os importadores a pressionar mais os leilões, aumentando a respectiva arrecadação; ou finalmente,
- c) — buscar outras fontes de recursos não inflacionárias para fazer face aos encargos. Nesta última alternativa se inclui aquela que, nas atuais circunstâncias, seria a mais feliz solução: a extinção progressiva de todos os recolhimentos cumulativos à ordem da SUMOC, com o simultâneo restabelecimento do regime de leilões de duas categorias, preconizado pela Lei número 3.244 de 19.8.57 e abolido pela Instrução n.º 204 de 13.3.61.

FMP: Lutemos Por um Governo Nacionalista e Democrático

Representantes das organizações nacionalistas e democráticas de âmbito nacional reuniram-se na Guanabara, sábado e domingo últimos, por iniciativa da FMP, discutindo amplamente a situação política atual, particularmente a necessidade de uma recomposição do Governo; com a constituição de um Ministério vinculado às forças patrióticas e populares.

As conclusões a que chegaram os representantes das correntes nacionalistas estão fixadas na seguinte nota oficial:

«A Frente de Mobilização Popular, reunida no Rio de Janeiro, analisando a profunda crise econômica em que se debate o País, e expressando, com absoluta unanimidade, a posição das forças populares e nacionalistas, constata:

- 1 — o completo malogro da política governamental na tentativa de realizar o programa das reformas que a Nação exige, agravando-se, consequentemente, cada vez mais a miséria e a fome do povo;
- 2 — que o próprio presidente da República, em reiterados pronunciamentos, não tem podido deixar de reconhecer a falência da política econômico-financeira, que vem sendo sistematicamente executada por ministros conservadores, representantes de minorias e grupos comprometidos com os interesses do latifúndio e com a espoliação do nosso País;
- 3 — que a adoção de uma nova política econômica e social, executada por um governo que inspire confiança ao povo, consubstanciando-se em medidas que visem estancar o processo espoliativo a que o imperialismo nos submete, acabar com os privilégios anti-populares, e preservar as liberdades democráticas e sindicais, é o caminho que se impõe na dramática situação em que a Nação se encontra.

Diante dessas constatações, a Frente de Mobilização Popular conclama os trabalhadores, camponeses, estudantes, parlamentares, intelectuais, oficiais nacionalistas, sargentos, cabos, soldados, marinheiros, servidores públicos, a mulher brasileira, os patrio-

tas e nacionalistas — o povo em geral — a mobilizar-se para reclamar do presidente da República a imediata recomposição do Governo com homens vinculados a um programa que assegure radical reformulação da atual linha econômico-financeira, visando a efetiva melhoria das condições de vida do povo, a emancipação nacional e as reformas estruturais.

Nesta oportunidade, queremos as forças populares expressar a sua integral e calorosa solidariedade ao deputado Leonel Brizola, em razão da campanha solerte que contra ele movem as forças da reação, face à cogitação de seu nome para o Ministério da Fazenda.

O documento tem as seguintes assinaturas:

Pelo CGT — Oswaldo Pacheco da Silva, Hércules Corrêa, Melo Bastos e Aloísio Palhano;

Pela ULTAB — Lyndolpho Silva, presidente; Nestor Vera, secretário; José Alves Portela, tesoureiro;

Pelos deputados nacionalistas: Sérgio Magalhães, Temperani Pereira, Almino Afonso, Marco Antônio Coelho, Neiva Moreira, Max da Costa Santos, Henrique Cordeiro Oeste, sgt. Antônio Garcia Filho, Lamartine Távora, Paulo Alberto, Fernando Santana, Benedito Cerqueira, Roland Corbisier, Roberto Saturnino Braga;

Pela UNE: José Serra, Marcelo Cerqueira;

Pelo CTI: prof. Alvaro Vieira Pinto, Enio Silveira, Moacyr Félix, Alex Viany, Dias Gomes;

Pela Ação Popular: Herbert José de Souza;

Pelas Ligas Camponesas: deputado Francisco Julião, Padre Alípio de Freitas;

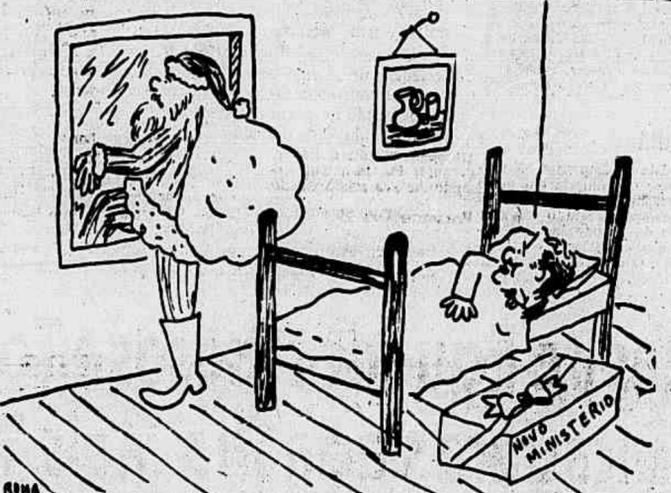
Pela Liga Feminina: Elza Soares Ribeiro, Zilda Xavier;

Pela Confederação dos Servidores Públicos do Brasil: Carlos Taylor, Domingos Viotta, Arthur Cantalice;

Pelo CDP: com. Henrique Miranda;

Pela ADISEB: cel. Luiz Bayardo da Silva.

O documento teve, igualmente, total aprovação dos representantes dos Oficiais Nacionalistas e do Comando dos Sargentos das Forças Armadas.



Arraes: Solução é Governo Apoiado Nas Forças Populares

O governador de Pernambuco, sr. Miguel Arraes, tornou público o seguinte pronunciamento, dando o seu apoio à decisão adotada na reunião da Frente de Mobilização Popular:

A nota, que a Frente de Mobilização Popular divulgou, para fixar sua posição em relação à crise nacional e tendo em vista a necessidade de uma nova política econômica e social, tem todo o meu apoio. Ela confirma a posição que tem sido a nossa, decididamente em favor de uma política de governo nacionalista e popular, definida em notas anteriores.

As fontes conservadoras de sustentação do governo já não são capazes de formular, adequadamente, os problemas brasileiros, quer do ponto de vista político, quer do ponto de vista econômico. Os sucessivos fracassos de composições ministeriais são a melhor prova dessa incapacidade. E isso é extremamente grave, dado o dramático momento histórico que estamos vivendo.

No plano interno, a agudização da crise econômica, social e política é a característica dominante do problema brasileiro. Isso resulta em estado permanente de tensão interna, cuja rutura pode ocorrer sem que se possa prever e prevenir as consequências. Por sua composição e por seu peculiar comportamento político-administrativo, o atual governo é impotente para debelar a crise. O próprio presidente da República, em entrevista concedida à revista "Manchete", fez patética exposição do fracasso

das diversas tentativas de política econômico-financeira de seu governo, todas elas formuladas dentro de esquemas tradicionais.

No plano externo, tudo indica que a pressão sobre nossa política externa independente vai recrudescer. O cerco imperialista vai se fechar ainda mais, tendo em vista dois objetivos principais: a) manter e aprofundar o processo espoliativo de nossa economia, procurando liquidar as possibilidades nacionais de emancipação econômica; b) atrelar o Brasil a uma política imperialista de pressão econômica e militar, cujo pretexto é a luta contra o comunismo e da qual Cuba, depois do assassinato do presidente Kennedy, talvez seja a primeira vítima. Sem o apoio popular, o atual governo é impotente para resistir a essa pressão.

Por todo isso penso que, se o presidente da República, fiel à sua formação política e aos compromissos que tem com as massas trabalhadoras, deseja superar nossa aguda crise interna e manter nossa política externa independente, ele precisa apoiar-se nas "forças populares" e com elas estabelecer um novo governo, capaz de elaborar e de executar um programa democrático, nacionalista e progressista.

A posição de Independência das "forças populares" em relação ao presidente da República não deve constituir — e realmente não constitui — obstáculo a que essas forças, mediante acordo, componham com o presidente da República um novo governo, qualitativamente diferente do atual e dos precedentes. Está claro

que essa qualidade nova de governo não será obtida, unicamente, pela indicação de um ou de alguns nomes para a composição de um novo Ministério; essa fórmula, e outras habitualmente praticadas pelas cúpulas, não serve para traduzir relação nova a ser estabelecida entre o presidente da República e as "forças populares". A fórmula é a de um acordo político-administrativo, tendo em vista a formação de um governo com os seguintes objetivos principais:

- a) criar imediatas possibilidades de solução para a crise social, com a preservação das liberdades democráticas;
- b) criar condições imediatas para solucionar a crise econômico-financeira;
- c) efetivar as potencialidades de emancipação nacional;
- d) fortalecer e aprofundar uma política externa independente.

Com esses objetivos, e garantida a participação de representantes das "forças populares" em setores fundamentais do governo, restaria tão somente a discussão de um Programa de Reformas, que dá ênfase às medidas de extinção do processo espoliativo de nossa economia, conforme acentua a nota da Frente de Mobilização Popular.

É desse modo que eu vejo a participação efetiva e institucionalizada das "forças populares" na constituição de um novo governo, democrático, nacionalista e popular, como a melhor forma de encaminhar o problema brasileiro.

a) MIGUEL ARRAES

A Declaração de Princípios do Congresso Dos Metalúrgicos

João Massena Melo

Nos últimos dias a fertilidade do governador na articulação de casos movidos em Pernambuco Legislativa. Primeiro foi o processo anti-regimental e inconstitucional do sr. Lacerda para obter, sem maior análise e ao apreço das luses, a aprovação de um orçamento não so evitado de falhas como também exercitado na redação final. Depois surgiu na manchetes da imprensa outro grande assunto: o discurso em que o governador injuriava e caluniava, indistintamente, numa fúria incoerente, os membros da Câmara local. Nem os udenistas escaparam das pancadas de cego. Durante esses dias assim agitados comparei à tribuna para proceder à leitura de um documento que exprime o pensamento e a ação de pessoas de um mundo bem diferente desse em que o governador, ardilosamente, consegue arrancar votações de propostas orçamentárias ou cria novos fatores de escândalo, usando contra os deputados estaduais as armas da injúria e da calúnia.

O assunto que levei à tribuna da Câmara foi a declaração de princípios aprovada em Pernambuco pelo IV Congresso Nacional dos Trabalhadores Metalúrgicos. Comparei mais de 300 delegados, representantes de 800 mil trabalhadores metalúrgicos de todo o País.

Como apreciam os metalúrgicos a situação nacional? Essa situação é cada dia mais calamitosa e as causas da calamidade residem na exploração imperialista e latifundiária. Há um processo crescente de pauperização e quem o sofre é justamente a classe operária, construtora, com seu trabalho, da riqueza nacional. Feita a constatação, os metalúrgicos, através de sua Declaração de Princípios, reclamam a reforma da atual estrutura e afirmam que essa reforma é inadiável.

Para que a atual estrutura seja substituída por uma outra que atenda aos interesses dos trabalhadores é preciso que a classe operária assuma sua posição histórica em defesa da libertação nacional,

FORA DE RUMO

— paulo motto limo

Numa entrevista concedida em Porto Alegre à jornalista Celina Luz, o escritor Erico Veríssimo fez considerações sobre a política. Disse não ter partido nem ser fascinado pelos remédios e sim pela solução dos problemas sociais do Brasil. Acha que estamos diante de um fracasso brasileiro. A culpa desse fracasso é atribuída às elites econômicas e intelectuais. Então, chega-se ao seguinte resultado: um pequeno grupo cada vez mais rico, a massa afundando na miséria e a classe média cada vez menor e tendendo a desaparecer. Acha Erico Veríssimo que os jornalistas e escritores preocupam-se demais com o lado mau da vida e que, satirizando. Às vezes atingem pessoas sérias. Entre as pessoas sérias injustamente atingidas pela sátira o escritor cita o sr. Raul Pilla.

Em muitos casos Raul Pilla é satirizado ou criticado sem injustiça por suas posições políticas. Muitas dessas críticas ao chefe do Partido Libertador, muitas das sátiras que tomam como alvo o sr. Raul Pilla, são fundamentadas. Por que não deveria ser criticado e satirizado um homem como o sr. Pilla? Por pertencer à categoria da gente séria? Ora, isto não basta. Logo que a Câmara foi transferida para Brasília, por lá se transferiu também o sr. Pilla, com sua seriedade pessoal. Certa vez, numa reportagem sobre a nova capital, apareceu em fotografia o sr. Pilla, recém-casado aos setenta anos, com uma cesta pendurada no braço, a fazer com-

pras no mercado de uma super-quadrado. Evidentemente é séria a atitude de um recém-casado que vai ao mercado com a esposa comprar carne, peixe e legumes. Provavelmente o sr. Pilla, nessas compras, não enganou ninguém no comércio nem passou moeda falsa. Mas isto não basta a um líder político sério, que se refere a esse tipo de agricultura, o contrário de um Ademar de Barros ou de um Armando Falcão.

Outras objeções poderíamos opor ao sr. Pilla. As chamadas elites econômicas sem dúvida são responsáveis por muitos dos nossos males. Mas também não estamos diante de um fracasso brasileiro. Há uma evolução brasileira. Há intelectuais que são cúmplices das chamadas elites econômicas. Outros, entretanto, formam no campo da massa mais atingida pelo processo de espoliação do Brasil.

Sobre política, sobre qualquer assunto, devemos ouvir a todos, inclusive homens da categoria do sr. Erico Veríssimo. Parece, contudo, que o escritor Veríssimo tem mais sensibilidade artística do que política. Isto é comum e natural em sua posição e em sua profissão. Assim, devemos achar que ele está rigorosamente certo quando caminha, todas as manhãs, cinco quilômetros, admirando o céu de Porto Alegre, conforme também consta da entrevista, pois o céu de Porto Alegre é belo e os longos passeios a pé são higiênicos.

Bolívia: Estensoro Foi o Grande Derrotado

ENCICLOPÉDIA BÚLGARA

Acaba de ser publicado, na Bulgária, o primeiro dos cinco volumes da Pequena Enciclopédia Búlgara. Essa obra, de que foram tirados 62.200 exemplares, contém 27 mil artigos sobre todos os ramos da ciência e da cultura, fartamente ilustrada, a Pequena Enciclopédia contém fotografias, desenhos, gravuras, mapas e esboços, que ocupam 15% de suas páginas. Nos trabalhos de elaboração da Enciclopédia participaram aproximadamente 1.500 cientistas e especialistas búlgaros.

DEZ CASAS POR HORA

Entre 1958 e 1963 foram construídas ou totalmente reformadas, na República Democrática Alemã, 400.000 moradias, aproximadamente, o que significa dez por hora. Com o aumento da construção na base de elementos pré-fabricados, de 12% em 1958 para mais de 70% atualmente, a RDA ocupa o primeiro lugar no mundo quanto à aplicação de métodos de construção industrial. Nos próximos anos, a construção de moradias se concentrará principalmente nos centros industriais e no campo. O total de moradias, na RDA (17 milhões de habitantes) será aumentado, nos próximos anos, atingindo 6 milhões, isto é, uma média superior a uma unidade por três habitantes.

ACABA A MALÁRIA

Há três anos não é assinado um só caso de malária na Romênia. Técnicos da Organização Mundial de Saúde têm ido àquele país, com o objetivo de assimilar experiências nos trabalhos de erradicação da malária. Vários trabalhos de cientistas romenos, sobre problemas de impudismo, como se sabe, foram apresentados no recente Congresso Internacional de Medicina Tropical e Malária, realizado no Rio de Janeiro, notadamente o do professor Lupascu, sobre "Malária provocada pela transfusão de sangue".

COMÉRCIO SOCIALISTA

No mês de novembro último, em Budapeste, foi estabelecido no nono Convênio húngaro-jugoslavo de intercâmbio comercial, para o ano de 1964, depois de negociações que deixaram claro o interesse recíproco pela colaboração econômica entre os dois países. O convênio prevê uma troca de mercadorias entre a Hungria e a Jugoslávia superior a 15% ao total do ano anterior, isto é, na importância global de 80 milhões de dólares, em ambos os sentidos.

UMA ALIANÇA DE FATO

A União Soviética presta ajuda atualmente aos países socialistas na construção de 1.140 empresas e obras diversas. Entre elas, figuram centrais elétricas, empresas siderúrgicas e de metalurgia não ferrosa, indústria mineira e carbonífera e refinarias de petróleo. Esse auxílio contribuirá ponderavelmente para que os países socialistas cumpram com êxito seus planos de desenvolvimento econômico. A URSS, ao mesmo tempo, está auxiliando o fomento da economia de mais de 20 novas nações da África e da Ásia.

POLONESES EM SKOPLJE

Um grupo de arquitetos poloneses seguiu para Skopje, capital da Macedônia, para dirigir os trabalhos de construção de todo um bairro naquela cidade jugoslava recentemente sinistrada. Será um bairro varsoviano, pois todos os seus construtores procedem da capital polonesa. Até o fim deste ano, já estarão ultimadas as obras de dezenas de casas. O bairro se ergue em Tattalide, subúrbio de Skopje, e havia sido inteiramente destruído com o terremoto.

VINHO E ELETROSSOM

Cientistas soviéticos (da Geórgia), estudando as propriedades do som elétrico, descobriram que pode prestar grande ajuda aos viticultores, melhorando o rendimento do suco da uva em 6 a 8 por cento e elevando sua qualidade. O vinho assim obtido apresenta um novo aspecto e é mais agradável. Dos resíduos da uva, tratados pelo eletrossom, foram obtidos também corantes naturais.

A MAIOR ROTATIVA

Foi entregue à editora moscovita "Joven Guardia" a maior rotativa construída na Fábrica Planas, de Flausen (República Democrática Alemã). Com 76 metros de comprimento, 15 cilindros, para várias cores, a rotativa de Flausen é a única no mundo e sua capacidade é de 400 mil jornais de 16 páginas, tamanho grande, por hora. A rotativa pesa 1.000 toneladas e foi instalada por técnicos da RDA no período de 18 meses. A União Soviética é a maior cliente da Fábrica de Flausen. Os grandes diários soviéticos "Isvestia", "Komsomolskaya Pravda" são impressos com máquinas dessa empresa, que tem entregue à URSS muitas outras rotativas.

CIMENTO PARA O MUNDO

A produção de cimento aumentou 10 vezes na Bulgária, em relação a 1939. Atualmente, somente a exportação, que atinge a cerca de 200 mil toneladas, iguala a toda a produção anual de antes da guerra. O cimento búlgaro é exportado para o Oriente Próximo, o Paquistão, a Espanha e vários países africanos. Com a construção de novas empresas e a transformação de outras, em 1965 a produção superará os 3 milhões de toneladas. Já em 1964, haverá um acréscimo de 22 por cento e a produção "per capita" atingirá a 340 quilos.

A prisão dos líderes mineiros Irineu Fimentel, Federico Escobar e Jorge Asaral, pela polícia de Estensoro, representou na verdade de mais uma etapa da marcha para a direita que vem caracterizando as diretrizes do governo boliviano. Paz Estensoro, depois de sua viagem aos Estados Unidos, passou a tomar várias medidas, nos terrenos político,

SUPRA PROPÕE A JANGO DESAPROPRIAÇÃO DE TERRAS A 10 KM DAS RODOVIAS BR

A SUPRA elaborou um projeto de decreto, que já entregou ao Presidente da República, no qual ficam declaradas como de utilidade pública, para efeito de desapropriação, as terras compreendidas dentro do raio de 10 quilômetros das rodovias federais, exceto as que integram a faixa que vai de Guama, no Pará, a Gurupi, em Goiás, ao longo da Belém-Brasília, cujo povoamento inicial incumbe ao Ministério da Guerra, por decreto não revogado. Pelo parágrafo primeiro do artigo primeiro do decreto proposto à assinatura do presidente João Goulart, "incluem-se, na presente declaração (de utilidade pública), as terras desapropriáveis do domínio da

União". Excluem-se, pelo parágrafo terceiro do mesmo artigo, "as requisições de bens móveis e imóveis necessários às Forças Armadas e à defesa passiva da população". O objetivo da SUPRA é criar e melhorar centros de população, nas faixas de terreno contidas no raio de 10 quilômetros dos eixos rodoviários, com a implantação de seu abastecimento regular de meios de subsistência; outro objetivo é o aproveitamento industrial. "nos termos da lei, das minas e das jazidas federais, das águas e da energia hidráulica, visando a constituir núcleos de colonização e de produção econômica à margem das estradas".

SOLIDÁRIOS COM CUBA REÚNEM-SE EM JANEIRO

Será realizado, nos dias 3, 4 e 5 de janeiro do ano que vem, o Encontro de Havana, que está sendo preparado pela Comissão Continental de Solidariedade a Cuba, e que foi programado por uma resolução — de número cinco — do Congresso Continental de Solidariedade a Cuba, realizado em Niterói, no início deste ano. O Encontro de Havana deverá examinar as seguintes questões: fortalecimento, extensão e ampliação dos movimentos nacionais de solidariedade a Cuba; ordenação dos movimentos nacionais de solidariedade a Cuba, através de uma Comissão Continental; composição dessa Comissão; escolha de data e país para a realização de um Segundo Congresso Continental de Solidariedade a Cuba; discussão sobre qual o país onde deverão funcionar a presidência da Comissão Continental e suas reuniões.

GRANDE FESTA CAMPESTRE

No próximo dia 5 de janeiro, domingo, na localidade chamada Parada Angélica (raiz da serra), será realizada uma grande festa campestre que, entre outras atrações, oferecerá: banho de cachoeira, jogos e brincadeiras, concurso de rainha da festa, conjunto musical com «crooner», «show» com a participação de grandes astros e estrelas do rádio e da televisão, alimentação variada e bar a preços razoáveis — tudo isso em meio a frondosos e acolhedores bosques. Haverá condução especial para os interessados, a partir das 7h30m, na Praça do Pacificador, em Caxias, ao preço de Cr\$ 100,00 (ida e volta) por

Libertaram os reféns, sob a promessa de desmobilização das tropas que os cercavam, de um julgamento imparcial para seus líderes aprisionados. Mas não se esqueceram que aceitaram as condições contraiuídas, como um fato consumado. O governo Estensoro tudo fez para provocar um massacre dos mineiros, que os poderiam levar a medidas de represália contra os reféns, propiciando a intervenção militar dos Estados Unidos. Se Juan Lechin saiu derrotado de seu incidente ou se ele constituiu um revés transitório dos mineiros, talvez seja cedo para julgar. O mais importante, no entanto, é que Paz Estensoro sofreu um tremendo desgaste entre seus próprios correligionários políticos, pois terá que enfrentar a oposição organizada da classe operária boliviana, principal força com que contou para assumir o poder. Não foi outro o sentido do grito de guerra dos mineiros ao clamarem na assembleia em que concordaram com a solução proposta por Lechin: "Catavi é o túmulo do presidente Paz Estensoro".

MARXISMO é uma teoria eternamente viva e evolutiva. Os erros e desvios do movimento comunista internacional representam sérios perigos.

Por quê? Leia o artigo de Lawrence Sharkey, no n° 10/63 de PPS, à venda no seu jornal e nas principais livrarias ou na Rua da Assembleia, 34, salas 204 e 304, Rio (Gb).



DIA DA IMPRENSA HUNGARA

Por motivo do transcurso do Dia da Imprensa Húngara, a Legação da República Popular da Hungria em nosso País ofereceu um coquetel (foto) à imprensa brasileira. Ao ato, realizado na sede da ABI, compareceram o ministro Gustavo Droppa e outros membros da representação diplomática húngara, numerosos jornalistas cariocas e correspondentes da imprensa estrangeira. O coquetel transcorreu num ambiente de grande cordialidade.

Comunistas do Equador Presos e Torturados Por Uma Ditadura Cada Dia Mais Violenta

Newton Moreno, membro do Comitê Central do Partido Comunista do Equador, dirigente da Federação Equatoriana de Índios, um dos fundadores da Federação de Estudantes Universitários do Equador, é uma das vítimas mais recentes da ditadura que se instalou no Equador com derrubada do governo Arosemena, a 11 de julho passado. A morte de Newton Moreno — narra um relatório do recém-fundado Comitê Pró-Democracia no Equador — decorreu da negativa das autoridades governamentais de meios para que ele se tratasse da enfermidade que o acometera. "Newton Moreno estava enfermo — diz o relatório — gravissimamente, desde fins de setembro. Então, seus parentes e amigos pediram permissão para levá-lo a uma clínica; o médico da Penitenciária determinara sua hospitalização. Mas a ditadura militar preferiu deixá-lo morrer. Daí que, durante uma semana, ante a angústia e o desespero de seus companheiros e parentes, entrou em agonia e começou a esvaír-se lentamente. Só quando já era certo que não poderia salvar-se, é que foi transportado a um hospital, para ali morrer — e não na cela onde agonizara. CULMINOU ASSIM O ASSASSINATO".

Violência

A ditadura que hoje mantém o poder conservador no Equador, fruto de um golpe militar desferido pelo Pentágono e pela "Central Intelligence Agency", órgãos do governo dos Estados Unidos, assume cada dia um caráter de maior violência. Em outubro — é ainda o relatório do Comitê Pró-Democracia no Equador que narra — ocorreu o caso de uma doença que

atacou, na prisão, Enrique Gil Gilbert, membro do Comitê Central do Partido Comunista equatoriano. "Apesar de determinação médica, na Penitenciária, Enrique não foi hospitalizado. Sua melhora tem sido difícil e lenta, e até agora não conseguiu curar-se por completo". Também o secretário-geral do Partido Comunista equatoriano, Pedro António Saad, preso no mês de setembro e levado a um quartel dos arredores de Quito, passou cinco dias sem comer nem dormir. Foi submetido por uma comissão de especialistas norte-americanos às torturas mais requintadas capazes de levar à loucura qualquer homem. Saad resistiu, mas sua saúde não.

Solidariedade

A situação do Equador exige a solidariedade das forças e dos elementos democratas da América Latina — essa exigência ditou o apelo feito pelo Partido Comunista equatoriano, a que em todos os países se organizem comissões de solidariedade, enviem-se telegramas e mensagens às embaixadas do Equador e à Organização das Nações Unidas, de repúdio ao desrespeito à liberdade atualmente posto em prática pelo governo equatoriano. Centenas de vidas estão ameaçadas no Equador: os prisioneiros de "García Moreno", em Quito. Eles próprios têm organizado uma série de protestos, para que sua denúncia chegue a todo o Equador e até os organismos internacionais. A democracia no Equador, a democracia que nunca houve — foi abolida: a fachada da constitucionalidade dos governos foi retirada, e hoje os inimigos do povo do Equador alardeiam-se, ostentam-se, através de uma ditadura sangüinária.



TORTURADO

Pedro Saad, valoroso dirigente comunista, secretário do PC do Equador, está encarcerado e é vítima das maiores torturas. A situação em que se encontra está a reclamar a solidariedade de todos os democratas e patriotas.



doxos chocante na vida norte-americana: quanto mais próspero é o país, mais pobres há que não participam da crescente abundância. O Comitê elaborou uma "receita de pobreza norte-americana", enumerando uma série de condições que, reunidas, "não deixam praticamente nenhuma probabilidade a um cidadão dos EUA de escapar à miséria".

RECEITA DA MISÉRIA

O "Comitê Nacional de Zonas Pobres" passa então a relacionar essas condições, passa a formular a receita da miséria, enumerando as três "situações mais perigosas" que são as seguintes: 1) não ser branco; 2) viver no campo; 3) ser uma mulher de 65 anos, que tenha ainda em cargo de uma família. O relatório baseia-se essencialmente nos trabalhos do professor Oscar Ormatí, da "New School For Social Research", de Nova Iorque, assinalando ainda que os riscos de pobreza são maiores no Sul dos Estados Unidos. Diz Ormatí que, para não converter-se em pobre, hoje, é necessário reunir as condições seguintes, que são uma outra receita, uma receita da fartura: ser branco, ter entre 25 e 45 anos, não ter mais de dois filhos, residir numa cidade do Norte, ter o máximo de instrução e não ficar doente. Fica-se sabendo que na terra em que "todo operário tem um cadilaque", quem for pobre, viver no campo, ter mais de 45 e menos de 25 anos, ter três filhos ou mais, morar no Sul não gozar muito boa saúde, entra direto pelo cano.

NÃO HOUVE HITLER



falso e acrescentando que não houve, na Alemanha, a execução de um só judeu. O cinismo dos nazistas não tem limites, ainda mais porque centenas de criminosos de guerra, responsáveis pelo extermínio de milhões de judeus, não só na Alemanha, mas em toda a Europa, dirigem hoje o governo de Bonn, o governo "democrata" da Alemanha ocidental. Agora, só falta acusar os judeus de "arianização", isto é, do extermínio da raça pura de Hitler, se é que eles admitem que o Adolf tenha existido.

UMA MEDIDA JUSTA

Como já era esperado — mas já estava tardando — o governo dos Estados Unidos reconheceu, há dias, os regimes de Honduras e da República Dominicana. Nesses países, como se sabe, houve golpes militares, dirigidos por gorilas, há cerca de três meses. O Departamento de Estado, justificando sua atitude, o que aliás procurava fazer desde o dia do golpe, ou talvez antes, divulgou que os novos ditadores de Honduras e da República Dominicana haviam prometido realizar eleições "brevemente". Mas, confessa o Departamento de Estado, o que induziu mais rapidamente o governo norte-americano a tomar essa medida foram "as perspectivas de contragolpes", considerados "ainda mais perigosos". A OEA ficou muito satisfeita com a medida, considerada pelo representante dominicano como "justíssima".

O GRANDE SÓCIO

O falecido John Foster Dulles, raioso e belicoso secretário de Estado, instituiu, de volta das reuniões da OTAN, um passeio a Madrid, Ia conversou com Franco, sobre problemas da defesa das democracias. Agora, anuncia-se que Dean Rusk, sucessor de Dulles, visitará o ditador espanhol, logo após o término da reunião do Conselho da OTAN, iniciado esta semana. Rusk vai relatar a Franco os resultados da reunião e dar-lhe ciência de qual deverá ser a participação da Espanha nos planos aprovados, que prevêm a utilização, na defesa do mundo cristão, das bases norte-americanas existentes em território espanhol, entre elas três aéreas e uma naval.

NÃO SÃO FANÁTICOS

Teodoro Moscoso, coordenador da Aliança para o Progresso, para os EUA, delatou falatório em São Paulo, defendendo a iniciativa privada. E disse que a Aliança "é um programa para assegurar aos nossos povos liberdade econômica, liberdade de consciência, e segurança social". Tendo em vista que o Congresso norte-americano tem realizado profundos cortes nas verbas de ajuda ao exterior, conclui-se que os Estados Unidos não são muito ortodoxos na defesa dessa segurança e daquelas liberdades.

Inflação de Filmes Importados Esmaga Produção Brasileira

Walter Porto
2ª de uma série

Começa pela importação do comércio de cinema em nosso País. Para importar filmes cinematográficos impressos (filme comum para ser exibido) o importador praticamente não gasta nenhum dinheiro, pois a importação é feita sem cobertura cambial, isto é; não se exige qualquer depósito ou pagamento de taxas especiais para a entrada de qualquer filme no mercado brasileiro; apenas são cobrados pequenos impostos alfandegários e naturalmente o frete da mercadoria. É um mercado de importação absolutamente livre. Exatamente o oposto de todas as importações feitas pelo País, inclusive, muitas vezes, maquinaria, equipamento e matéria-prima indispensáveis à nossa indústria básica. Quer dizer, a importação de filmes tem um tratamento privilegiado. — Será que isso é bom para o Brasil? achamos que não! Vamos explicar por quê.

Ora, se não há nenhuma exigência financeira para um determinado cidadão importar um filme da América, da Europa, ou de outro lugar, é claro que ele vai importar o maior número possível, ou melhor, a quantidade que desejar. Pois se

o Governo não exige nenhuma cobertura cambial, nenhuma taxa especial, nenhum depósito bancário, a importação fica quase de graça, não é mesmo? — Resultado: o mercado brasileiro de filmes para exibição fica completamente abarrotado, fica saturado, e não há até a tampa. Se não vejamos o quadro seguinte, publicado na Revista de Indústria Cinematográfica:

Filmes estrangeiros lançados no mercado em 1958	1959	1960
718	645	749

Agora, para o leitor ter uma idéia do que isso significa, vamos dar o número de filmes colocados nos mercados de exibição de alguns países, no mesmo período precisamente o ano de 1960, que é mais ou menos igual aos outros exercícios:		
EOA	525 filmes; para	2 300 000 000 de espectadores
Alem. Fed.	522	609 600 000
Inglaterra	308	815 000 000
Itália	527	744 800 000
França	425	372 845 000

O número de espectadores é correspondente ao número de ingressos vendidos no ano.

O total de espectadores no Brasil é de 328 255 000 por ano. Por aí, os leitores já devem ter observado que o nosso País, embora tenha o menor mercado exibidor entre os países citados, é o que tem maior número de filmes em circulação no mercado, isto é, filmes estrangeiros. É uma autêntica inflação de películas em nosso mercado, que é esgotado, podemos dizer espere-

mente, por essa avalanche. E então, o que é que se obra para o produto nacional, para o filme produzido aqui mesmo, para o nosso filmeto brasileiro? Quase nada, amigo! E ainda mais, se sabemos que a nossa produção média é de um 30 filmes por ano. O que é isso para lutar contra quase oitocentos filmes estrangeiros?

Está aí, leitor, porque achamos que o mercado livre para importação de filmes cinematográficos não é bom para o Brasil. Não há

indústria nacional que resista a uma avalanche dessas, é o chamado dumping. E tem mais... Quando um determinado filme estrangeiro chega ao Brasil, oriundo de um país que possui um grande mercado exibidor, esse filme já vem completamente pago e com grandes lucros para o seu produtor, que já o explorou em seu próprio país. Quer dizer: qualquer renda que der no Brasil, é lucro líquido. Exatamente o oposto da situação do produtor nacional, que não dispõe de um grande mercado interno, nem tem condições financeiras para enfrentar o mercado internacional. — E por essas e outras, leitor, que o cinema nacional vai sempre mal...

O JEITO E LUTAR

A esta altura dos acontecimentos o leitor já deve ter pensado com os seus olhos: "mas que diabo, como é que os cineastas brasileiros aguentam esta situação, por que é que não denunciam isto, por que é que não brigam?" — Brigar, brigam... Essa é a vida do brasileiro que resolve entrar na produção de cinema. Lutam mais do que trabalham. Viram legisladores, economistas, políticos, e tudo o mais para saírem dessa situação. É uma luta árdua e sem quartel. — "E o Go-

vérno, o que é que faz, que não põe um parêntese a esta situação de tremenda inferioridade do produtor brasileiro?" Embromar, embromar, embromar... Essa é a vida do Governo, ou melhor dizendo, dos governos, pois o caro vem de longe. Vale a pena lembrar ao leitor, aquela célebre história de um trem chamado Instrução 113, da Sumoc; criada no tempo do dr. Café Filho, amantada na era do dr. Juscelino, acariaciada pelo dr. Janio — de recente memória — molhada pelo dr. Santiago, e finalmente, parace, começando a ser tosquada pelo professor Carvalho. — É uma coisa, leitor, de uma coisa! No nosso País, preparamos leis e regulamentos para atender aos capitalistas dos outros países. É o que alguns sociólogos patrióticos chamam, maliciosamente, de "Complexo colonial de inferioridade"... Até quando, não sabemos.

O FILME VIRGEM

Continuando o capítulo referente à importação, chegamos ao chamado filme virgem, que é a matéria-prima para toda a produção de filmes nacionais e, inclusive, para outras atividades como a medicina, estudos científicos, e mesmo, para a reprodução de fil-

mes impressos estrangeiros. Nesse caso de filme virgem, a estória é de morte. Imagine o leitor uma coisa bem difícil de acontecer... pois bem, é pior ainda... Vamos lá. Vimos lá em cima que as fitas impressas, de mocinhos, de horror, de crimes, de transviados e outras "maravilhas", entram no País absolutamente livres de ônus para os senhores importadores. Entretanto, o filme virgem, que é matéria-prima indispensável, é taxado, além da cobertura cambial, em mais 7% de Imposto de Consumo; isso, depois de pagar todas as taxas alfandegárias, depósito no Banco do Brasil para cobertura cambial, etc. — Quer dizer: a situação exatamente inversa do que seria conveniente para nós. O filme virgem para todos os direitos e obrigações da mercadoria comum, e por cima, ainda mais 7% de Imposto de Consumo na hora do faturamento ao consumidor ou industrial patriótico. Isto merece uma chamada especial para o professor Carvalho Pinto! Atenção professor, mande examinar esse assunto.

CAMINHO ERRADO

É assim, leitor, a posição unânime dos cineastas brasileiros tem sido uma só: que o Governo limite ao número necessário e razoável a entrada de filme no País. Sem essa limitação, é impossível criar uma indústria cinematográfica nacional. É imprescindível barrar a esse dumping exercido sobre o Brasil pelos grandes produtores de cinema. Foi aqui que surgiu um órgão denominado Grupo Executivo da Indústria Cinematográfica GEICINE, encarregado em nome do Governo de estudar e propor as soluções para o assunto.

Acha o GEICINE que não se pode limitar simplesmente o número de filmes, pois seria uma medida arbitrária e sem apoio legal (temos aqui o caso das dívidas)... preferiu sugerir alterações na taxa de Imposto de Renda sobre as remessas de lucros para o exterior, proveniente da distribuição de filmes no País. Nesse modo, essa taxação no Imposto de Renda foi elevada de 25 para 40%; sendo que, desta última percentagem, o Governo biocentem, o GEICINE propôs e foi aceito que o Governo aumentasse o desconto de Imposto de Renda sobre as remessas de lucros para o exterior, entretanto, que continuasse dando uma colher-de-chá aos importadores de filmes, isto é, devolvendo 40% do imposto que foi pago, para o sujeito produtor filmes no Brasil. E, leitor, também estamos desconfiados de que esse negócio não é bom para nós! Procuraremos explicá-lo no nosso próximo artigo, pois o presente, já passou do tempo permitido. Também precisamos dizer mais alguma coisa sobre as sugestões do GEICINE a respeito da situação do filme-virgem, porém deixaremos para o capítulo da Produção. — O próximo artigo será sobre a distribuição de filmes cinematográficos no Brasil. — Outra coisa, leitor!

Briga dentro do PDC

Estão brigando os deputados estaduais Evarado Magalhães Castro e Alvaro Vale, ambos do PDC da Guanabara. A briga se desenvolve através de discursos proferidos na Assembleia e artigos ou cartas que saem nos jornais. Como nenhum dos litigantes possui a "bolsa" do Bêr Joffre, a briga fica mesmo no terreno das palavras e palavras (podendo, eventualmente, passar aos palavrões). De certo modo, todos nos alegramos com o fato de que a briga seja apenas verbal, o que talvez resulte da condição de meros deputados estaduais dos contendores. Se fossem senadores, provavelmente o negócio seria resolvido à baía, em um duelo do qual sairia ferido um colega que não tinha nada com o peixe. Felizmente são deputados.

Mancada do Evarado

A um observador superficial, poderia parecer que a situação atual da briga entre os dois deputados do PDC da Guanabara é a de um belo empate. Alvaro Vale disse que o Evarado é um debedido e marcou um tento; Evarado disse que o Alvaro Vale é um carretilista e igualou o marcador. Perfeito equilíbrio, portanto. Mas a coisa não está precisamente nesse pé: um acontecimento de declínio importante já comprometeu seriamente o Evarado. Com aqueles olhos que parecem ter levado "limão" e aqueles lábios que parecem ter sido retocados com batom, o Evarado teve a audácia de declarar aos jornalistas que, além do mais, descendia da gloriosa família dos Macedo Soares. E com esta confissão, perdeu a parada, não tem nem ovo.

Um Guerreiro das Arábias

E por falar em "ovo", vocês sabem quem está frito? O Guerreiro. Para ser mais explícito: o professor Guerreiro Ramos, autor de um livro intitulado *A Redução Sociológica*, no qual teve o trabalho de organizar e publicar as idéias formuladas pelo seu colega Vieira Pinto em determinada fase da evolução intelectual deste último. Vieira Pinto formulava as idéias, utilizava-as, ultrapassava-as e jogava-as fora; Guerreiro Ramos as recolhendo, organizando e publicando, de tal maneira que acabou famoso. Agora, que não tem mais quem lhe forneça idéias, passou a fabricá-las por sua própria conta. E está pagando vezames colossais.

Picaretada em Lukács

O elemento de Guerreiro, apesar do nome belico, não é a briga. Por predisposição, temperamento e vocação, Guerreiro evita a pugna e inclina-se pelo entendimento, pelo acordo, pela transação. (Se não corresse o risco de ser mal interpretado, eu diria: inclina-se pelo comércio). Mas, em caso de ser obrigado a lutar, Guerreiro preferiria sempre a arma escolhida pelos deputados acima referidos: a palavra. A palavra, aliás, ainda não é o seu instrumento preferido. A arma que o sociólogo maneja com maior desembaraço é mesmo a picareta. E no seu recente livro sobre a revolução brasileira, há um capítulo em que a picareta de Guerreiro no manejo da picareta se evidencia com admirável nitidez: é o capítulo dedicado aos pensados húngaros George Lukács. Guerreiro vibra em Lukács uma pujante picareta.

A nova esquerda

Além de repetir uma bobagem de Kostas Axelos (o de Thomas Mann retratado Lukács sob os traços de Leo Naphta na *Mentanha Mágica*) — bobagem que foi denunciada por Thomas Mann e pelo próprio Lukács — Guerreiro acaba por declarar peremptória e dogmaticamente que o livro *A Destruição da Razão de Lukács* é obra de "um velho garçã". Quando foi que Guerreiro já escreveu um livro que se embasava com o mais deficiente dos capitulos porventura se encontrava na *Destruição da Razão*? Quem é que lhe reconheceu autoridade para falar assim de um livro que provavelmente não leu e que, se tivesse lido, não teria podido entender? Guerreiro perdeu a noção das coisas. Embriagou-se com a sua idéia de uma esquerda sem os comunistas, isto é, com a sua idéia de criar um garanhão assexuado.

O anti-Guerreiro

Dizem que Guerreiro Ramos levou anos para compor o seu recente livro, estudando a revolução brasileira e formulando as bases para a tal "nova esquerda" ou "esquerda sem os comunistas". O que significa que Guerreiro trabalha mal e devagar. Neste caso, podemos dizer que Nelson Werneck Sodré é o anti-Guerreiro Ramos, pois trabalha bem e depressa, como prova o seu recente livrinho intitulado *Quem Matou Kennedy?* Em menos de dose dias, logo em seguida à morte de Kennedy, Nelson Werneck Sodré — ajudado por uma brilhante equipe de jovens professores — escreveu, reviu, imprimiu e colocou ao alcance do público uma análise que revelou aquilo que nem os trogloditas de Dal-las nem os "técnicos" de FBI conseguiram perceber: isto é: quem matou Kennedy foi...
Lêiam o livro para saber meus amigos.

PPS número 1/198

Em troca do número 1 de 1959, necessário ao seu arquivo, PPS lhe oferece uma coleção completa das edições "Paz e Socialismo".

TEORIA E PRÁTICA — epelônio de corveleto

A população ativa no Brasil

Vários leitores pedem-nos dados sobre a população ativa do Brasil. O assunto é mais atual do que nunca — mas é também complexo e exige pesquisas, mais tempo e mais espaço. Ficaremos, por ora, em suas linhas gerais.

Nossa população ativa pode calcular-se, hoje, em cerca de 28 milhões ou pouco mais de 37% do conjunto da população brasileira. Seu maior contingente situa-se ainda no campo — com 15,5 milhões de trabalhadores, ou 58% do total. Seus elementos componentes escalonam-se, ali, entre dois extremos: os 73 mil latifundiários, donos de propriedades de 500 a 100 mil hectares, que representam menos de 1 milésimo de nossa população atual; e o poderoso contingente dos assalariados agrícolas cujos efetivos ultrapassam a casa dos 5 milhões.

A população ativa das cidades vem crescendo rapidamente, mas não ultrapassa ainda 12,5 milhões. 66 por cento desse total constituem a massa de assalariados diretamente ligados às atividades econômicas: os trabalhadores da indústria (4,5 milhões) e dos transportes (excluídas as empresas de poder público) com perto de meio milhão; os comerciantes (3 milhões, aproximadamente); os empregados de estabelecimentos de crédito e seguros (em torno de 300 mil). A terça parte restante divide-se entre diversas categorias: o funcionalismo federal (incluindo as autarquias, os Institutos, os transportes do Estado e as forças armadas), com 1 milhão de representantes; o funcionalismo estadual e municipal, também oscilante em torno de 1 milhão; o contingente profundamente heterogêneo e diversificado dos donos de empresas (a grande, a média e a pequena-burguesia), com meio a 1 milhão de proprietários, metade dos quais representada pelo artesanato do Nordeste; a intelectualidade, incluindo os representantes das profissões liberais, com efetivos em torno de meio milhão. São os professores registrados constituíram, em 1961, um conjunto de mais de 350 mil; 225 mil no ensino primário, mais de 113 mil no ensino médio; cerca de 35 mil no ensino superior. Boder-se-la acrescentar ainda outras categorias: empregados domésticos e atividades diversas e temporárias, num total aproximado

de meio milhão de trabalhadores, registrados ou não.

São, como se vê, dados aproximados. Desde já, porém, eles nos chamam à análise atenta de algumas peculiaridades nacionais:

- o predomínio da população ativa do campo, o que revela o desenvolvimento ainda limitado da economia nacional;
- o caráter temporário da atividade de consideráveis setores do campo: em 1950, em 1,5 milhão de assalariados e semissalariados agrícolas do Nordeste, apenas 28% tinham ocupação permanente (1);
- o enorme peso específico dos assalariados, despossuídos de meios de produção (os trabalhadores da indústria, do comércio, dos transportes, dos bancos e empresas de seguros e serviços; a massa do funcionalismo e da intelectualidade, etc.) no conjunto da população ativa do país: 93% nas cidades e 33% no campo (cerca de 50%, incluindo os semissalariados rurais);
- a presença e a contribuição da população jovem: já em 1950, os jovens de 30 anos representavam 1/4 do proletariado urbano e 1/3 dos trabalhadores do campo;
- o crescimento impetuoso do semiproletariado, em consequência da pulverização da pequena e da média propriedade no campo e da proletarianização acelerada das classes e camadas médias urbanas;
- em particular, a parte crescente do proletariado no quadro da população trabalhadora urbana e rural. Tomando-se o processo produtivo como um conjunto de atividades necessárias à produção e à captação de mais-valia — e estendendo-se de crédito à indústria, ao transporte e ao comércio (1) — a classe operária constitui já hoje, com os assalariados agrícolas, um amplo contingente de 13 a 14 milhões de trabalhadores — cerca de metade de toda a população ativa do País.
- O que é mais uma revelação de seu caráter de classe avançada, cujos efetivos e cujo grau de concentração crescem com o progresso da economia e cuja força e desenvolvimento se confundem com o próprio desenvolvimento social.

(1) PPS — n.º 6 (1960) e 9 (1961).
Sinopse preliminar do Censo Agrícola — 1960. IBGE.
Anuário Estatístico do Brasil — 1962.
O Nordeste, a Sudene e o desenvolvimento (Fragmon Borges Fortes).



QUEM SERÁ O GORILA DE 1963?

Com esta pergunta a UNE acaba de lançar nova e interessante promoção que certamente despertará o interesse não apenas de toda a juventude do País mas inclusive de todas as forças progressistas de nosso País.

Naturalmente ao terminar mais um ano todos os nossos comunistas sociais se lançam em campo para eleger as "10 mais elegantes", as "10 mais certinhas", a "maior do ano" e assim por diante. Ora, a UNE que sempre esteve à frente das grandes causas sociais que abalam o País teria também que dar sua contribuição neste terreno elegante daquele que por se ter destacado mais por suas posições de subversividade aos imperialistas, por suas posições antipátrias, antipovo deve receber das forças conscientes da nação o título de GORILA DO ANO.

Sabemos que a disputa não será fácil. Os candidatos são poucos mais os que existem estão bem munidos de excelentes credenciais. Esperamos que os perdedores saibam se consolar com uma "menção honrosa".

A participação no concurso é bastante simples. Basta enviar no decorrer do mês de dezembro para a sede da UNE, Praia do Flamengo 132 — Rio de Janeiro — GB, o nome do Gorila 63.

O resultado do concurso que está aberto para todo cidadão brasileiro e patriota será conhecido até fins de dezembro.

O cartas acima está sendo amplamente divulgada nos meios estudantis e operários.

nr romance

Um Dia na Vida de Ivã Denisovitch

Alexandr Soljenitsin

Tradução de B. Albuquerque

Talvez procure o leito para comprar-lhe fumo. Porque, de hoje para amanhã, pode terminar.

Shukhov juntou sem pão: duas rações de sopa e o pão por cima é exagero. O pão fica para amanhã. A barriga é uma coisa odiosa. Logo se esquece que comeu. E amanhã, outra vez a pedir.

Shukhov acabou de comer a sopa sem prestar muita atenção nas pessoas que estavam à sua volta. Não precisava: "côfia" o que lhe correspondia e não esperava nada de novo. Contudo, percebeu que justamente à sua frente ocupou o lugar que ficara livre o YU-81, um velho alto, da equipe 64. Precisamente Shukhov ouvira contar na fila das encomendas que à 64 tocara ir para a obra nova em lugar da 104 e que passara o dia inteiro sem ter onde se aquecer, estendendo os braços para construir sua própria zona de segurança.

Shukhov ouvira dizer sobre aquele velho, que ele tinha um tempo inculcável por campos e cárceres, sem que o alcançassem nenhuma anistia, e que enquanto cumpria uma pena aplicavam-lhe dez anos mais.

Shukhov podia observá-lo de perto. Entre todas as costas curvadas do campo, a sua se distinguia pela retidão. Sentado à mesa, parecia que tinha colocado alguma coisa sobre o banco. Em sua cabeça limpa nada havia a raspar. A boa vida encarregara-se de deixá-lo calvo. Em vez de estar atento a tudo quanto acontecia no refeitório, o velho tinha o olhar perdido,

por cima de Shukhov, absorto em seus pensamentos. Comia pausadamente a sopa com uma colher de madeira rachada, tampouco baixava a cabeça sobre a escudela, como todos os outros, mas elevava a colher até a boca. Não tinha um único dente, nem sei como em baixo. O rosto macilento não oferecia, contudo, a aparência de um inválido, mas sim a de uma pedra negra cinzelada. E pelas mãos grandes, gretadas e enegrecidas podia ver-se que pontas fofoas havia gozado durante esses anos. Mas estava claro que não queria doer-se: não colocava seus trizes gramas de pão sobre a mesa suja, cheia de respingos, como todo mundo, mas em cima de um trapo limpo.

Entretanto, Shukhov não tinha tempo para ficar contemplando. Quando acabou de comer, relambeu a colher, enfiou-na na boca, colocou o gorro e abandonou a mesa, levando as duas rações de pão: a sua e a de César. Do refeitório saíam-se por outra porta, onde estavam de guarda dois homens que não tinham outra obrigação além de levantar o ferrolho, deixar sair a gente e voltar a fechar.

Lá ia Shukhov, de estômago cheio, satisfeito e pensando que, ainda que, logo focassem recolher, valia a pena aproximá-lo de onde estava o leito. E, sem deixar o pão em seu barraco, apertou o passo rumo à sétima.

A luz, muito alta, branca e límpida, parecia incrustada no céu, todo ele clarado. E as estrelas que apareciam aqui e ali, eram as mais brilhantes. Mas para que Shukhov menos tinha tempo era olhar o céu. Só sabia uma coisa: que o frio apertava. Alguém ouvira dizer que o rádio anunciava trinta graus para a noite e até quarenta de manhã.

Os barulhos estendiam-se a uma grande distância: no povoado rugia um trator e lá na estrada relinchava uma escavadeira. E cada par de botas de feltro dos que andavam ou corriam pelo campo fazia ranger a neve.

O vento não soprava.

Compraria tabaco, como já comprara outras vezes, a um rublo a copo, embora lá fora custasse três rublos ou mesmo mais, conforme a qualidade. Mas no campo de trabalho regiam uma preços próprios, que não tinham nada de comum com os outros: como lhes era proibido ter dinheiro, tinha muito mais valor o que conseguiam esconder. Naquele campo não pagavam nem um copeque pelo trabalho. (Em Ust-Ijma, na época, Shukhov recebia trinta rublos por mês). E se alguém recebia uma remessa da família, tampouco a entregavam em dinheiro. Ia parar

numa conta da qual podia retirar todos os meses certa quantidade para comprar, no quiosque, sabonete, bolachas rançosas e cigarros "Prima". Agradassem ou não aqueles artigos, tinha a obrigação de gastar a quantia que solicitara. E, se não gastava, de qualquer forma perdia o dinheiro porque já o tinha descontado.

Quando a Shukhov não conseguia dinheiro a não ser com os biscates que procurava: fazer chinchos de trapos para alguém? Dois rublos. Rememorar um paleto? O que quisessem.

O sétimo barraco, ao contrário do nono, não era feito de duas grandes naveas. O sétimo tinha um corredor comprido com as portas de dez quartos, em cada um dos quais vivia uma equipe. Nos quartos havia sete pares de beliches duplos. Havia, além disso, uma cabine para o urinal, uma cabine para o chefe do barraco e outra onde viviam os pintores.

Shukhov entrou no quarto onde morava o leito. Estava deitado no beliche de baixo, com os pés para cima, apoiados no suporte do outro beliche, e conversava em leito com seu vizinho. Depois de sentar-se a seu lado, Shukhov empinhou-se. Olá! Olá! Mas o outro, sem baixar os pés. Em um quarto tão pequeno todos logo vêem quem chega e porque vem. Os dois percebiam isso claramente e por esse motivo, Shukhov continuou falando de umas coisas e outras: como vai a vida, vamos levando, hoje faz frio, que sim...

Quando todos voltaram à suas conversas (estavam discutindo sobre a guerra da Coreia e se seria deflagrada ou não uma guerra mundial com a intervenção dos chineses) Shukhov inclinou-se para o leito e perguntou:

- Tems fumo?
- Sim.
- Mostra.

O leito baixou os pés, colocou-os no chão e se enfiou. Que tipo mais mesquinho é esse leito! Sempre que enchia uma vazilha de fumo, tremia para que a não não exagerasse. Mostrou a tabaqueira a Shukhov, ahriado.

Ao colocar um pouco na palma da mão, Shukhov viu que era o mesmo da outra vez. Pela cor e pelo picado. Aproximando do nariz e cheirando. Era o mesmo. Contudo, disse ao leito: — Não parece igual.

- Igual! Igual! — o leito enfadonoso. — Nunca tenho de outro tipo. Sempre é do mesmo.

— Bem — despachouse Shukhov. — Põe-me aqui um copo cheio, para provar, e já verei se levarei dois.

Dissera "copo cheio" porque o leito tinha o costume de enchê-lo sem cumprir.

O leito tirou de baixo do travesseiro outra tabaqueira, mais volumosa, e um copo da mesinha. Embora o copo fosse de plástico, Shukhov meditou, para certificar-se de que nele cabia a mesma quantidade que nos de vidro comuns.

Pôs a enchê-lo.

— Vamos, homem, aperta! — Shukhov alçou a mão à palavra para maior garantia.

— Eu sei o que devo fazer! — protestou aborrecido o leito, afastando o copo e comprimindo o fumo, mas não tanto quanto como Shukhov. E continuou enchendo.

Enquanto isso, Shukhov desalotou o paleto e, lateando, procurava entre o tecido do fôrro um papel que só ele era capaz de encontrar. Depois, empurrando pouco a pouco entre o fôrro, com as duas mãos levou para um buraco pequenino, aberto em lugar completamente diferente e fechado com dois rápidos pontos. Quando o conseguiu ali perto, arrancou o fio com as unhas, dobrou mais uma vez o papel ao comprimento (embora já estivesse dobrado ao comprimento) e o extraiu pelo rasgo. Era um dois rublos, muito velhos, que não mais estavam ao tato.

Alguém gritava no quarto:

— Sim, que vos dará muita atenção o fio ligodulho! Esse não se fia nem no pai! Quanto mais em vozes, seus malhões.

Se algo bom tem este campo de trabalho é que se pode dizer o que bem se entende. Em Ust-Ijma, se alguém dizia que estavam faltando velas nas abelhas ganhava outros dez anos. Mas aqui podese dizer o que der na veneta. Nem mesmo os alcançastes vão espalhar a história, pois ninguém mais dá caso.

Só que aqui não há tempo para se conversar muito...

- Bem frouxo o deixaste — lamentou Shukhov.
- Toma, aqui, toma! — replicou o outro, acrescentando mais uns fapos.

Shukhov tirou sua tabaqueira de um bolsinho interno e nela colocou o fumo.

- Afinal, cache outro, vamos — decidiu ele, porque não queria fumar as pressas aquele primeiro cigarro tão ansioso.

(Continua)

Salgueiro Sem Água, Esgôto e Urbanização Vai se Unir Para Resolver Seus Problemas

Os problemas que encontram numa das favelas salgueiras são, em geral, comuns a todas elas: não há, praticamente, condições de higiene; a água não é canalizada e os "esgotos" são regos naturais cavados pela chuva; a iluminação é precária e a assistência médica e social, quase nenhuma. Os barracos não oferecem segurança alguma; em certos casos, enormes pedras ameaçam rolar morro abaixo. Nessas condições viver cada dia é um risco, um verdadeiro ato de heroísmo.

Mais por falta de uma escada que dê acesso ao morro.

Um antigo morador do morro (desde 1938) declarou: "Quando aqui chegamos, já existiam essas mesmas condições. As melhorias foram quase nada, em relação a todo esse tempo decorrido".

Necessidade de Organização

Todas essas dificuldades poderiam ser resolvidas em grande parte caso os favelados do Salgueiro unissem seus esforços num trabalho comum, caso organizassem, com o objetivo de solucionar os problemas que são de todos, a iniciativa, a disposição individual que cada um demonstra ter para melhorar as condições de sua própria vida na favela.

De fato, aos domingos, muitos moradores trabalham com eficiência na construção de barracos e no conserto de instalações. Alguns já substituem as tábuas de madeira por tijolos, tornando as casas menos frágeis.

Frente da casa do favelado Flávio existe uma pedra imensa. Está sendo removida e os favelados de marreta em punho transformam o granito em cascalho para concreto.

Sebastião Olimpio, conhecido como "Biquinho", há dez anos comprou um terreno e até hoje trabalha na construção e melhorias de sua casa. Conta "Biquinho", que possui um boteco, que há pouco tempo o Estado começou a exigir um alvará, colocando-o na condição de comerciante. Este alvará exige 1/25 da venda anual, pagos em duas parcelas mensais. São cobrados também impostos de 5% sobre a venda. Esta medida dificulta mais ainda o fornecimento de bebidas e uns poucos gêneros alimentícios, necessitando os favelados descer o morro para obtê-los.

Quincas, profissional especializado, trabalha no Círculo Santa Alice há vários anos. Dedicou seus domingos à restauração de latas para o carregamento de água. Seu barraco no alto do

morro está em situação precária. Questionado, declarou: "Anteriormente, morava em outro barraco e pagava aluguel. Sei que vários moradores também pagam aluguel, apesar de existir uma lei que isenta o favelado de tal pagamento. O que nos falta é uma organização para controle".

A necessidade de uma organização que se volte essencialmente para a resolução dos numerosos problemas dos favelados, é sentida por quase todos. Apesar da participação do fundo financeiro da Escola de Samba no sentido de ajudar em algumas questões, os favelados entevistados foram unânimes em

afirmar: "precisamos de uma associação" e ajuda, para consertar esta vida cada vez pior".

O Morro Borel e a Solução Para o Salgueiro

Os favelados do morro Borel, dão um bom exemplo dessa utilidade. Já possuem uma ativa organização — a UTF (União dos Trabalhadores Favelados), o qual, em esforço exclusivo dos próprios moradores, já construiu ruas, escadas, caixa d'água, providenciaram a assistência médica e jurídica.

A UTF atua como uma verdadeira "prefeitura". As

valas cimentadas que construíram, fazem bem um serviço de esgotos. A fabricação de chiqueiros e o controle da UTF impede que os animais sejam criados soltos e contaminem as áreas residenciais.

Tais realizações não se verificam no morro do Salgueiro, onde as condições de vida são piores, como já se registrou.

Os moradores do Salgueiro têm intenção de se organizar, o que seria um grande passo no sentido de mostrar que unidos se tornam mais fortes e obterão vitórias nas suas reivindicações. A união dos moradores do Salgueiro é caminho para a urbanização

do popular morro, é reconhecer que devem aproveitar a quantidade de material de construção que possuem na sede de "Unidos do Salgueiro", e iniciar obra de valas, escadas, caminhos, caixas d'água, etc.

Segundo declarações de Caça Larga, figura conhecida no morro, fazem parte das reivindicações dos favelados, quando já devidamente organizados: Recorrer à Secretaria de Saúde; ao Depto. de Iluminação; à direção de Serviço de Recuperação de Favelas; ao sentido de se fazerem ouvir em suas queixas; pressionar para que se realize uma reforma urbana, que construa uma rua ligando a Praça Santa Fé ao morro do Sumaré (perto do Salgueiro), o que facilitaria para os favelados a obtenção de esgotos.

Escola de Samba: Exemplo de União

Os moradores do morro têm uma noção muito clara de que "a união faz a força". A história do Salgueiro, diz que, outrora, já existiam três escolas de Samba: Azul e Branco, Deputado Digo e Unidos do Salgueiro. As rivalidades entre elas sempre as impediram de ter sucesso na concorrência com Escolas maiores, durante o Carnaval. Foi o desejo de vitória nos desfiles que as unificou, e no Carnaval passado essa união deu seu fruto: o Salgueiro conquistou o tão almejado primeiro lugar entre as grandes Escolas de Samba.

Essa capacidade de organização e de trabalho em conjunto — com os favelados do Salgueiro elevaram a arte e o prestígio de sua Escola de Samba — deve ser também voltada para a solução dos problemas fundamentais do morro. Porque a melhoria das condições em que vivem depende principalmente de sua própria luta organizada, e não dos políticos que, em época de eleição, e só então, prestam alguns pequenos e superficiais benefícios à vida do morro, em troca dos votos daquela gente humilde, enganada assim em sua boa-fé.



ÁGUA
No dia de folga, o trabalhador que mora na favela procura resolver o problema da água. Conserta as latas furadas de todos os moradores do Salgueiro.

A Vida Difícil no Salgueiro

A reportagem de NOVOS RUMOS ouviu vários moradores do morro do Salgueiro, antigos e recentes. Era sempre a mesma frase repetida: "A vida aqui é duríssima". Os casos de tiroteio se sucedem com regularidade, devido à falta de esgotos; os favelados não dispõem de recursos para a compra de medicamentos, e reclamam que o Posto Médico da organização Leão XIII nada fornece; a escola situada perto do morro não comporta todas as crianças da favela, muitas das quais já não têm esperança de ser alfabetizadas; a assistência social que ocasionalmente visita o morro não consegue provar aos moradores a eficácia de sua ajuda. Os favelados reclamam também da iluminação, que é toda feita por particulares, e denunciam que a Light, em lugar de ajudá-los neste ponto, apropriou-se de um enorme terreno no alto do morro, com o objetivo de construir ali uma rede de alta tensão, estendida até ao Jardim Botânico.

A água, é preciso que os moradores do Salgueiro a carreguem em grandes latas, porque não existe canalização, tarefa árdua ainda

Mocanguê: Trabalhadores Lutam Por um Estaleiro Moderno e Eficiente

Enquanto a frota do Lóide navega pelos mares do mundo, uma ilha da baía de Guanabara está encarregada de fazer os reparos em suas embarcações, e nela, o estaleiro de Mocanguê com cerca de 3.000 operários. Construído nas primeiras décadas do século para reparar os navios de uma pequena e bisonha frota mercantil, o Mocanguê foi se tornando, com o passar dos anos e o avanço da técnica naval, um conjunto de maquinarias obsoletas que se funcionam até hoje, o fazem por obra e graça dos trabalhadores.

Relatório

As máquinas cinquentenárias fazem com que o estaleiro de Mocanguê, aparelhado com dois díques e dispoñdo de centenas de metros de cais se transforme a cada dia num centro industrial ineficaz. Essa situação é tão velha quanto o Lóide, pois desde que a oficina de reparos foi fundada, pouquíssimas melhorias levaram à frente um plano de reaparelhamento de suas instalações, limitando-se a mandar os navios avariados para estaleiros europeus, entrando, assim, na distribuição de fartas propinas. Felizmente, nesse aspecto, a situação tornou-se menos calamitosa, pois a administração Monteiro Neto estabeleceu um sistema de prioridade para os estaleiros nacionais, trazendo uma considerável economia de divisas sem resolver entretanto, o problema do Mocanguê.

Onde Não Funciona

A longa caminhada dos trabalhadores do Mocanguê começa às sete horas da manhã na Praça 15, ou na Ponta da Areia, em Niterói, onde os operários esperam a chegada da lanchar que vai levá-los ao trabalho. Mas, por incrível que pareça, existem dois horários de lanchas e um só turno de trabalho. Assim, o trabalhador que chega às 7.30 ao estaleiro, só vai entrar no serviço quando os

seus companheiros que tomaram a lancha cerca de uma hora depois, tiveram trocado de roupa, e isso se as lanchas não atrasarem.

Uma vez prontos para o trabalho, vão entrar nas 26 oficinas que abarcam desde o estofamento de móveis até os reparos nas caldeiras e limpeza das tubulações, totalizando cerca de duas centenas de máquinas, em sua maioria obsoletas. A seção de pintura, por exemplo, funcionaria normalmente se não fossem suas duas deficiências: falta de tinta e de pistolas, que levam os operários a desdobrarem-se em misturas de restos de tinta e a fabricarem pistolas com bombas de inseticida. A seção de eletricidade, logicamente a mais importante da ilha, está em caso idêntico à de pintura: faltam os fios.

Convém lembrar também, o que sucede com o problema da energia para a ilha alimentada por um cabo submarino e por alguns geradores que entram em

funcionamento diante de qualquer imprevisto. Entretanto, o que sucede é que os acidentes de cabo submarino são frequentes. Na época de maré baixa, os cascos dos navios rasgam a proteção do cabo, o que leva a que o contato dos metais com a água provoque curtos-circuitos que interrompem o fornecimento de energia ao estaleiro. Se por um acaso o choque entre o casco do navio e o cabo for muito violento fazendo com que o núcleo condutor do cabo venha a arfritar com o casco da embarcação, esta receberá uma carga de milhares de volts. Por outro lado, quando o fornecimento de energia é interrompido, devem-se desligar todos os transformadores da usina, sob pena de que essa venha a saltar pelos ares. Entretanto, até hoje não foram colocadas as chaves que desligam os transformadores automaticamente e os trabalhadores são obrigados a fazê-lo as carreiras colocando em jogo suas vidas.

A cada oficina que se vi-

sita prosseguem os reclamos dos operários. Na seção de ferroaria, a carroceria foi adaptada e hoje serve como banheiro e vestiário; a oficina de carpintaria está equipada com prensas e serras fabricadas em 1902, em sua maioria paradas ou funcionando com um terço da produtividade normal, fazendo com que a mão-de-obra se torne três vezes mais cara.

Onde Funciona

Mas, apesar de todas essas deficiências, o costado do Mocanguê está permanentemente ocupado enquanto outros navios esperam ao largo. Isso é a demonstração cabal de que o estaleiro do Lóide funciona. Com absurdos e insuficiências, mas funciona, atendendo os navios de nossa frota estatal. Esse fenômeno, que brevemente terá de ser considerado milagre, é obra dos trabalhadores que, incansáveis, reclamam e protestam enquanto operam, na certeza de que, como está escrito à porta

do estaleiro, "servir ao Lóide é servir ao Brasil".

Os três mil operários dos estaleiros de recuperação dispõem de uma forte organização sindical, que além de curar e resolver todos os problemas entre a direção da empresa e os trabalhadores, apresenta a opinião dos operários para a solução dos problemas técnicos da ilha. Opinião que às vezes não é ouvida, e em dos casos significativos foi o da compra de máquinas para solda, ocasião em que os operários da usina fizeram ver à direção que a rede elétrica do estaleiro não suportaria os gastos das máquinas adquiridas. O conselho não foi ouvido, e atualmente, quando as máquinas entram em funcionamento, o fornecimento de energia entra em colapso. Os trabalhadores não se cansam de lembrar, também, a direção, da necessidade de serem reformados os vestiários e os banheiros sem que venham a ser tomadas providências efetivas nesse sentido.

Campanha

Coordenados pelo Sindicato dos Operários Navais e pelo Conselho Sindical do Mocanguê, os trabalhadores do estaleiro estão empenhados agora na luta pelo agrupamento em quatro categorias, ao invés das onze existentes, ao mesmo tempo que reivindicam — e estão sendo atendidos — o pagamento da taxa de insalubridade, que está atrasada desde 1959.

Mas a luta dos operários não está limitada à melhoria de suas condições de vida. Quando se empenham pelo término das obras do restaurante, que deveria ter sido inaugurado em dezembro do ano passado, cada um dos operários navais do Mocanguê e de sua vizinha, a ilha da Conceição, está empenhado na campanha por um estaleiro mais bem aparelhado com uma maior produtividade, para que assim trabalhando durante quase toda sua vida possam fazer do Lóide uma moderna e bem equipada empresa para alegria da Nação e tristeza daqueles que procuram sabotar a indústria estatal.

Paraíba

Festejou 7 de Novembro

A Paraíba comemorou com várias solenidades — culminando em uma festa de confraternização de operários, estudantes e camponeses — o 7 de Novembro, data de aniversário da Revolução Socialista de Outubro.

Uma conferência de David Capistrano, sobre a tomada do poder na Rússia pelos soviéticos, seguida de debates com o auditorio presente, foi realizada na sede da Associação Paraibana de Imprensa, como parte do programa comemorativo do aniversário da revolução soviética.

O ASSASSINATO DE KENNEDY E AS CONTRADIÇÕES DA ALIANÇA PARA O PROGRESSO

O brutal assassinato de Kennedy evidencia particular atualidade a todos os estudos da política externa dos Estados Unidos. Depois do odioso crime de Dallas é de grande interesse a leitura do artigo de Hermán Barrera sobre as contradições da Aliança para o Progresso. Este artigo compõe o N.º 10 da revista PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO.

No mesmo número, copiosa matéria sobre as divergências entre os comunistas chineses e os demais partidos comunistas do Ocidente e do Oriente; um artigo de A. Torres sobre a atividade dos comunistas portugueses e um trabalho de O. Neumann sobre o revanchismo nas escolas da Alemanha Ocidental.

Excelente a edição do número 10 (outubro) de PPS.

FAVELA: VITRINA DA MISÉRIA

Desde a sua cela na penitenciária a que se não recusa, J. A. Borges divisa a favela do Morro do São Carlos, "onde terra, humanos vegetam na mais sórdida precariedade".

Diante de um quadro como este, de suprema miséria — continua ele — é impossível não viver e não sofrer a prometer, alegrias, as pessoas do morro exibam em seus momentos gestos e tristezas peculiares que dormiram com seus corpos subnutridos, cabeça baixa como se fossem criminosos perante um júri. Ninguém ri, ninguém cumprimenta ninguém e nem alguns olhos ao sol que ilumina aquela miséria — miséria que é desse Brasil, mas que são obrigados a vivê-la, miséria que é desse Brasil, riquíssimo, mas que os tristes exploram com a voracidade de feras insaciáveis. Os meninos, maltrapilhos e raquíticos, disfarçam a miséria com a alegria ingênua de uma "pelada" com bolas de pano, na vã esperança de galgarem a fama de um "Rei Pelé", mas, se não o conseguirem, resta-lhes ainda a triste glória de um "Mineirinho", e o término de suas carreiras será esta cela de onde, hoje, os contemplo.

Os adultos têm um roteiro não menos trágico: "Fábricas onde, ganhando salários de fome, caso não queiram seguir a trilha do crime ou da prostituição".

Cai a noite. O favelado com sua fome retorna do trabalho mal pago ou, pior ainda, da procura infrutífera de trabalho. Mas a noite "o estímulo do espírito boêmio e, então, ele esquece a fome: reúne os companheiros e começa a fazer samba. Cantas suas tristezas e alegrias até alta madrugada, enriquecendo assim a nossa música popular. De sua miséria surgem obras que vendem milhões aos "magnatas" da música; os donos das gravadoras. Músicas como esta, que expressa com pureza o drama em que vivem: "Se o doutor subisse a favela/ia ver coisas de cortar o coração/barracos caíndo/crianças chorando/pedindo um pedaço de pão". A poliorrnia das luzes que iluminam a cidade, cá embaixo, se assemelha à fantasia por eles vista nas comédias americanas, nas poucas vezes que podem frequentar o "poira". Aquelas fantásticas e excitantes comédias roubam-lhes o último níquel e anestesiá-lhes a consciência, atirando-os fora da miserável realidade de sua favela. Muitos chegam a esquecer que vivem numa vitrina de miséria. — A Favela".

REMESSA DE LUCROS

Interessa ao trabalhador a limitação da remessa de lucros para o exterior? Este o título das considerações do sr. J. C., e delas destacamos o seguinte:

"Muitos respondem que isso é política (o interesse do trabalhador pela limitação da remessa de lucros), e que, portanto, os Sindicatos não devem envolver-se em política. Logicamente, eles concluem que os Sindicatos devem cuidar apenas das questões específicas aos trabalhadores e operários. Porém, os que assim afirmam, induzem os Sindicatos a realizar a pior política. Porque política nefasta é se desinteressarem dos problemas políticos nacionais".

Após chamar a atenção para a calamitosa situação de instabilidade salarial em que hoje vivem os trabalhadores brasileiros, devido ao aumento desenfreado do custo de vida, o sr. J. C. afirma que os Sindicatos "devem volver suas vistas para as causas desse estado de coisas". E essa causa "está nos trastes imperialistas, que carregam para fora os lucros excessivos que aqui nos extorquem. Não é possível que os lucros de quase tudo que é fundamental e rentoso sejam remetidos para fora da Nação. Se aqui ficassem, seriam aplicados em outras iniciativas, resultando numa maior aplicação de mão-de-obra, num maior progresso e num nível de vida mais seguro, dentro de um padrão estável. E de se ver o montante que é remetido para fora em lucros, juros, serviços técnicos e royalties".

O sr. J. C. lembra a deterioração dos preços existentes em nossas relações de exportação: "Os EUA pagavam, em 1957, 82 dólares por uma saca de café. Hoje, pagam quarenta e poucos dólares por essa mesma saca. Assim acontece também com outros produtos nossos. Como vamos aguentar? É possível continuar assim? Só podem achar que sim os Lacerdas, os Ademarés, os "Movimentos Sindicais Democráticos", etc. Isso é, gente que recebe, direta ou indiretamente, as propinas, as gorjetas. Eis porque essa gente vive alardeando que os Sindicatos não devem envolver-se em política. Mas os Sindicatos devem envolver-se na política nacional, em defesa dos interesses da Nação e no seu próprio".

E finaliza dizendo que, para desenvolverem essa participação na política nacional, os Sindicatos "devem educar as suas massas através de folhetos, conferências, etc., para exercerem uma pressão dinâmica e positiva sobre os Governos, Congressos e Patronato".

LACERDISMO CONTRA COSME E DAMIANO

"Venho por intermédio desta formular veemente apelo no sentido de que seja publicada nesse valioso semanário 'As Mãos Tristes' injustiças sofridas por aqueles bravos "cosme e damiano" que inspecionam o trânsito do Palácio Guanabara, injustiças estas impostas pelos oficiais lacerdistas que ora os comandam. Todos os policiais optaram pelo serviço federal. Será este o motivo das injustiças?"

Eu sou um grande admirador desses bravos soldados, estes constantemente com eles e vejo com os meus olhos coisas de arrepiar. São vigiados por detrás das árvores e tratados com o maior desprezo. Assim que foi criado aquele serviço, eles trabalhavam somente durante o expediente do Palácio; depois que foi criada a Lei 4.242, que lhes deu o direito de retornar para a esfero da União, aí tudo mudou. O capitão Paulo Monteiro, que tem cara de bom mas, não é, aumentou o horário de trabalho para 24 horas. A coisa piorou ainda mais, porque, os comandantes que se revesam na guarda fazem o diabo com os soldados. As vezes, estando o governador passeando lá para Mato Grosso, um tal tenente Pascoal, vulgo "Sapato Furado", coloca o pobrezinho do guarda lá no sinal durante seis horas, consecutivas, sem necessidade.

Tudo o que aqui está escrito é pura verdade. Aproveito esta oportunidade para fazer um apelo: que o coronel Edson Moura, Freitas faça retornar ao Batalhão aqueles pobres policiais, porque lá, tenho plena certeza, eles serão bem considerados e o povo nas ruas precisa deles".

(De um leitor de GB)

EXTRAVIO DE NOVOS RUMOS

O sr. Abílio Machado da Luz, ferroviário de Santiago (RGS), escreve para reclamar contra o não recebimento da edição n.º 246 de NOVOS RUMOS, além de outras tantas que têm sido extravaziadas. E pergunta aos responsáveis por tais extravazios: "Por que não procedem assim com a imprensa amarela, a imprensa de aluguel que está a serviço do imperialismo norte-americano e contra o interesse do povo brasileiro?". Em seguida, faz um veemente apelo aos funcionários dos Correios para que não extravazem NOVOS RUMOS: "porque, caso contrário, estarás agindo contra ti mesmo, estarás jogando fora teu porta-voz, o porta-voz do teu irmão".

Ainda em subsídio ao seu apelo, aos funcionários dos Correios, explica: "O jornal NOVOS RUMOS circula graças à colaboração dos trabalhadores, a tinta que se usa para extraviá-lo é suor e sangue dos seus irmãos do batede. Quando pegares um pacote desse jornal com a intenção de jogá-lo fora, pensa primeiro nas aflições de tua própria família, pela falta de alguma coisa, às vezes até pela falta de alimento, ou de remédio. E se isto não acontece contigo, pensa então que certamente está acontecendo com teu semelhante".

CORRESPONDENCIA

A. E. G. — Por falta de espaço, deixamos de publicar seu poema "Aurora de 1965".

MARQUES — Pelo mesmo motivo, lamentamos não poder publicar os dois poemas que nos enviou, intitulados "De Paris a Cuba" e "Natal com pão".

ANTONIO ARRAES BARBOSA (GB) — Recebemos sua carta em que afirma sua concordância com o comentário saído neste jornal a respeito do discurso pronunciado por João Goulart em Vitória, no mês passado.

EUSTAQUIO NASCIMENTO JÚNIOR (Brasília) — Veremos a possibilidade de atender ao seu pedido a propósito da posição do sr. Assis Chateaubriand: contrário à lei de remessa de lucros e a favor da técnica com que a Hanna explorou o nosso povo.

CRICIUMA — No dia 15 próximo-passado, tomou posse a nova diretoria do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Extração do Carvão de Criciúma (Santa Catarina), eleita para o biênio 1963-1965 e assim constituída: Jorge João Feliciano (presidente), Raimundo Verdeiro (secretário) e João José da Costa (tesoureiro). A nova diretoria daquele órgão de classe, as nossas felicitações.

43 ENTIDADES UNIDAS NA CAMPANHA CIVIS E MILITARES RECLAMAM ANISTIA PARA SARGENTOS QUE CÂMARA ENGAVETOU

Onze deputados, cinco generais, 43 entidades de classe, dois coronéis, um senador e ainda um ex-ministro da Marinha, representado por seu filho, capitão Pedro Paulo de Araujo Susano, levaram na noite do dia 13 seu apoio à campanha pela anistia aos sargentos e líderes sindicais injustamente presos em virtude dos acontecimentos de Brasília, durante o ato realizado no Sindicato dos Rodoviários, sob o patrocínio da Liga Feminina do Estado da Guanabara, do CGT, UNE e outras entidades populares.

DEPUTADOS FALAM

Durante a manifestação, que foi considerada uma das mais concorridas do ano que está findando, fizeram uso da palavra os deputados Adão Pereira Nunes — autor do projeto de anistia —, Leonel Brizola, Max da Costa Santos e Edna Lott, falando ainda o senador Aarão Steinbruch. Tanto os parlamentares como os dirigentes sindicais fizeram breves aloquções devido ao grande número de oradores inscritos para manifestarem sua solidariedade aos militares e civis presos.

O autor do projeto que visa à libertação dos sargentos, deputado Adão Pereira Nunes, lembrou que "a anistia está sendo obstruída na Câmara Federal, mas se ela vai ser concedida em 10 ou 20 semanas, em 10 ou 20 dias, é um problema que vai depender do povo, cuja vontade não pode mais ser obstruída". Prosseguindo, o deputado fluminense afirmou: "minha experiência de lutas populares ensinou que quando alguém é aprisionado por uma causa justa, só sai da cadeia quando o povo resolve tirá-lo". Finalizando, o orador lembrou as privações que estão sofrendo os familiares dos graduados, que viram recentemente serem recolhidos seus aparelhos eletrodomésticos, pois as esposas dos presos não puderam pagar as prestações.

BRIZOLA

Seguindo-se ao deputado Max da Costa Santos que havia asseverado "ser pacífica a caminhada do povo brasileiro pela sua libertação, mas que este saberá tomar a sena da violência se a minoria golpista tomar a iniciativa", ocupou a tribuna o deputado Leonel Brizola, que procurou explicar as razões das perseguições que antecederam, provocaram e sucederam-se ao levante de Brasília, afirmando "que a primeira vista muitos fatos podem estar desalinhados mas existem dezenas de acontecimentos que vão explicar a perseguição aos sargentos. Todos vão começar em agosto de 1961, quando esses bravos patriotas isolaram e prenderam em vários pontos do país as minorias de oficiais golpistas que maquinavam uma ditadura militar".

Depois de citar vários exemplos ocorridos no Rio Grande do Sul, o deputado Leonel Brizola lembrou a frustrada "operação mosquito", que visava impedir o pouso do presidente da República em Brasília durante aqueles longos dias de agosto. A verdade sobre o que ocorreu em Brasília em 1961 poucos sabem, mas é do conhecimento público que foram exatamente os sargentos da Aeronáutica que se rebelaram, se armaram e prenderam os oficiais que irradiavam o golpe na estação da torre de controle do aeroporto daquela capital.

Referindo-se a outro aspecto da posição dos sargentos na luta pela legalidade, o deputado Leonel Brizola lembrou a tentativa de bombardeamento do Palácio Piratini, que foi frustrada pelos sargentos da Base Aérea de Porto Alegre. Finalizando, o sr. Leonel Brizola declarou que ao invés de haver punições contra os graduados, deveria haver um profundo sentimento de gratidão por parte do Governo, pois foi exatamente essa classe que impediu a implantação de uma "gorilada" no Brasil.

UNE, ESPÓSA E MULHERES

Falaram ainda o representante da UNE, estudante Duarte Brasil, e as senhoras Neusa Goulart Brizola e Maria da Conceição Nicácio da Silva, a primeira representando o Movimento Nacionalista Feminino, que fez a entrega de um mil cruzeiros à vice-presidente da Liga Feminina para que fossem distribuídos entre as esposas dos sargentos, a segunda, esposa de um sargento do Corpo de Fuzileiros Navais preso há mais de dois meses, agradeceu em nome das senhoras de sargentos a ajuda que têm recebido de todas as partes do país.

Logo após foi lida pelo radialista Geraldo dos Santos a carta do sargento Almoré Zoch Cavalheiro à sua filha de sete anos, onde o sargento que teve seu mandato cassado explicava à filha que não iria vê-la no Natal pois estaria preso. A leitura da missiva foi interrompida oito vezes pela assistência que irrompia em aplausos.

Uma manifestação do dia 13, assim como grande parte do movimento de solidariedade e de luta pela anistia, tem a participação efetiva da Liga Feminina do Estado da Guanabara, cuja vice-presidente, ara. Elza Soares Ribeiro, falando durante o ato, procurou historiar a participação da entidade desde o dia em que algumas esposas de sargentos procuraram a Liga em busca de apoio.

O LADO TRISTE

Se por um lado a manifestação levada a efeito no Sindicato dos Rodoviários mostra quão fundo calou nas entidades populares o problema dos sargentos presos e de suas famílias, que já receberam centenas de milhares de cruzeiros para que se possam manter sem passarem necessidades, ninguém poderá preencher o vazio que os militares presos estão deixando em suas casas, com suas esposas e seus filhos, quase todos pequenos. Essas senhoras estão enfrentando com a mesma bravura de seus maridos as dificuldades desta hora difícil e continuam lutando para que seus esposos sejam libertados o mais depressa possível. Para isso, muitas delas abandonaram suas casas em Brasília e vieram para a Guanabara, onde vivem com as famílias de colegas de seus maridos, às vezes com 18 pessoas num apartamento de três cômodos, como é o caso da esposa do sargento Prestes de Paula.

OS SALÁRIOS

Outro aspecto difícil da vida das famílias dos sargentos é o que diz respeito aos vencimentos dos militares, pois apesar de só terem direito a dois terços, as famílias têm que ir à Brasília para receberem o dinheiro. Isso acarreta gastos de viagem com os quais não podem arcar. Agora está sendo organizada uma coleta para arrecadar dinheiro para a viagem das esposas dos sargentos à Brasília antes que os vencimentos de seus maridos caiam em exercício findo.

A SOLIDARIEDADE

A cada dia estão sendo recebidas mensagens de adesão à campanha pela anistia, na sede da Liga Feminina. São milhares de comunicações informando que uma entidade está enviando telegramas aos deputados e ministros militares, etc. Muitas vezes, junto com as mensagens chegam alguns milhares de cruzeiros arrecadados em sindicatos, como ocorreu no Sindicato dos Foguistas, que doou quarenta mil cruzeiros a campanha. Por outro lado as esposas dos graduados recebem a cada dia a solidariedade de distantes agremiações, bem como de importantes entidades, tais como a Federação de Mulheres do Estado de São Paulo que enviou uma mensagem ao sr. Presidente da República pedindo-lhe que para o Natal seja concedida anistia aos militares e civis presos sob a acusação de terem defendido mandatos consagrados pelo povo.

O Povo

A sede do Sindicato dos Rodoviários ficou superlotada. O povo foi manifestar de viva voz sua solidariedade às famílias dos sargentos e exigir anistia.



Carta da Prisão

Acusado de estar envolvido no levante de setembro, o sargento Almoré Zoch Cavalheiro que teve seus oito mil votos anulados pela mesma decisão do STF que provocou o movimento de protesto, foi preso em São Paulo por determinação do 2º Auditor Militar. Prêso, depois de ter perdido seu legítimo mandato, o sargento Cavalheiro enviou à sua filha de sete anos a carta que a seguir transcrevemos:

São Paulo, 6 de dezembro de 1963.

Minha querida Lina Almeri

O Paizinho se preparava para passar contigo, no Rio Grande do Sul, teus oito aninhos, a 22 de dezembro. Também o Natal e o Ano Novo. Ia levar a correntinha com Jesus Cristo, que pediste e conquistaste, tirando o primeiro lugar no colégio, com apenas seis anos de idade. Mas, teve aviso que não será possível: o Paizinho estará prêso.

NÃO DEVES TE ENVERGONNAR

É que o Conselho de Auditoria Militar daqui, desentende-se com o sr. Presidente da República e eu e outros, que também são pais terão que ser presos por isso. Mas, não te envergonhes! Podes dizer aos teus amiguinhos e amiguinhas que não és filha de um criminoso. Tu pai deseja a ti e a todas as crianças, um Brasil onde vocês possam ser felizes. Onde os meninos tenham onde trabalhar, possam viver como criaturas humanas, serem honrados e úteis à sociedade em que vivem, e, não farrapos humanos, seminus, dormindo no chão ou sobre pelegos, a espera de que a fome e as doenças, venham levá-los para os túmulos em grande parte.

Onde a menina tenha mais possibilidade de ser uma dona-de-casa trabalhadora ou mãe honesta e honrada, do que um rebuçal humano, jogada numa rua de amargura e devassidão.

Onde as crianças possam estudar e realizar a humanização do seu próprio ser.

Onde as crianças e os adultos, possam ter um médico, remédios e hospitais, assim, como os bezeros, as ovelhinhas e as cães de raça dos fazendeiros daí, têm o veterinário e o resto, quando estão doentes.

Onde as crianças não passem fome e não morram quatro em cada dez que nascem, num total de mais de duas mil por dia.

Onde as crianças sejam gorduchinhas, assim como tu és, e também felizes, como não te posso fazer neste momento.

Onde as nossas riquezas e não somente as nossas desgraças, sejam nossas e não em maior parte de estrangeiros.

Onde os filhos de peão de estância, os trabalhadores, os sargentos, os cabos e soldados profissionais, possam ser deputados, senadores, etc. — desde que o povo queira e, não somente os donos do poder econômico, em maioria. Assim está escrito na Declaração dos Direitos do Homem e na Carta das Nações Unidas.

Onde esta gente boa daí, do nosso longínquo Arvoredo, como de todo o Brasil, tenha um pedaço de terra onde plantar e produzir riquezas que façam a eles e ao nosso povo feliz, e a nossa Pátria rica, livre e poderosa.

Elas algumas coisas das que o Paizinho, como tantos outros que ainda não foram compreendidos e pagam nos cárceres o preço dessa incompreensão, deseja.

Lamento imensamente tua sorte, minha filha. O destino roubou-te a Mãezinha com quatro anos apenas; agora querem roubar-te o Paizinho. Mas, peço que te conformes. São muitas crianças que não terão seus pais nesse Natal, mas, sim, atrás de umas grades — filhos de sargentos, cabos e soldados e trabalhadores. Também a Caroline e o John não terão o seu pai, nunca mais, pois o Presidente Kennedy, em sua grandeza, como nós em nossa pequenez, lutou por um mundo melhor e encontrou nas balas assassinas a resposta dessa mesma incompreensão que hoje tu Paizinho enfrenta.

É por isso que nesta carta aberta que te envio, como Pai e como representante escolhido por quase oito mil cidadãos gaúchos, chamo a atenção do Congresso Nacional e da sensibilidade política a humana dos seus membros, da imprensa e de todos os democratas sinceros: Devolvam essas homens a seus lares e ao convívio de suas famílias, esses homens e Ano Novo, através da ANISTIA, num vaticínio de Paz e Tranquilidade no 1964 — largo e humano gesto que tanto dignificaria a Democracia Brasileira.

Encerro aqui, minha filha, repetindo: não te envergonhes de dizer às tuas amiguinhas que tu Paizinho, está prêso, mas, não por indignidade, pois deve aprender que mais vale um Pai prêso ou morto do que outro indiferente ou covarde, quando está em causa o futuro de seus filhos ou da Pátria.

Raí. — ALMORÉ ZOCH CAVALHEIRO — Sargento do Exército.

Manifesto

Durante a grande manifestação pela anistia aos sargentos, as entidades e as personalidades presentes lançaram um Manifesto ao Povo e às Autoridades. O documento, que já conta com milhares de assinaturas, deverá ser enviado à Presidência da República e às autoridades responsáveis pela prisão dos sargentos, para que essa responsabilidade numa prisão se transforme no gesto simpático e necessário da anistia. Abaixo transcrevemos a íntegra do Manifesto.

MENSAGEM AO POVO E ÀS AUTORIDADES

Trabalhadores, parlamentares, donas-de-casa, militares, intelectuais, pessoas de todas as categorias profissionais, declaram-se a favor da ANISTIA para os militares de Brasília, esperando que neste Natal todos voltem para as suas casas e festejem a data com as suas famílias.

Consideramos que o protesto feito por eles é parte da luta que reúne todos os nacionalistas, em defesa das Reformas de Base, cuja luta é uma promessa de terra para os que nela trabalham, de medidas para o desenvolvimento independente da economia nacional, de vida e proteção para as crianças que sofrem e que morrem de fome, de direito à participação dos sargentos, cabos e soldados em todos os escalões políticos, nas casernas e nos parlamentos, com a conquista da elegibilidade, sem restrições.

Lembramos que a anistia não rapidamente conquistada pelos chamados rebeldes de Jacareacanga e Aragarças não pode ser negada, nem sequer protelada para aqueles que formaram na primeira linha do movimento histórico pela legalidade democrática, que permitiu a posse do Presidente da República.

Comovemo-nos com a situação de dezenas de crianças e mães que sofrem a separação de seus entes queridos, passando dificuldades, desalojadas de suas casas, assobradas de problemas, que poderão ser solucionados com o retorno à tranquilidade, ao carinho, ao bem-estar com a liberdade dos militares presos.

Terminamos por conclamar a todos os democratas, aos homens e às mulheres de boa vontade, no sentido de que juntem as suas vozes e as suas ações, às nossas vozes e às nossas ações, em nome do direito que temos de votar e de sermos votados, de protestar contra a violação dos direitos democráticos, contra as injustiças sociais frutos dos privilégios e da espoliação, de sonhar com a emancipação de nosso País e de lutar por ela como penhor da felicidade de nossos filhos e da soberania de nossa Pátria.

Conclamamos para que todos subscrevam a nossa mensagem em favor dos militares de Brasília, esta mensagem de solidariedade às suas famílias, encaminhando-a ao Congresso Nacional, para que seja aprovado um projeto de anistia.

E juntos festejaremos o Natal — o Natal da anistia — que será conquistado com o nosso coração e a nossa unidade que deverá estar presente, agora e em todas as lutas pelas Reformas de Base, que esperamos sejam alcançadas através da reformulação do Governo, tornando-o capaz de encaminhar as soluções que correspondam aos problemas fundamentais do povo brasileiro.

URGÊNCIA PARA A ANISTIA DOS MILITARES, EXTENSIVA A TODOS OS PARTICIPANTES DE LUTAS REIVINDICATÓRIAS!

Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1963.

Quem Apóia

O ato público realizado na noite do dia 13 recebeu o apoio de 43 entidades, todas integradas na campanha pela anistia aos sargentos. Essas agremiações, representando milhares de trabalhadores, estudantes e donas-de-casa são bem um retrato da decisão tomada pelo povo, de libertar os sargentos e civis o mais depressa possível. Transcrevemos a seguir a lista das entidades que se associaram à manifestação promovida pelo CGT, UNE, CPOS, FNL, Movimento Nacionalista Feminino, Liga Feminina do Estado da Guanabara, Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e Economia Nacional, Comando dos Trabalhadores Intelectuais,

Sindicato dos Rodoviários, Comissão de Militares Nacionalistas, Sindicato da Estiva de Minérios, Sindicato dos Bancários, Associação dos Servidores da Central do Brasil, Frente de Mobilização Popular do Méier, União Nacional dos Servidores Civis do Ministério da Marinha, Sindicato de Energia Elétrica e Produção de Gás, Associação dos Aposentados da Marinha Mercante, Federação Nacional dos Ferroviários, Sindicato dos Ferroviários do Ceará, Sindicato dos Alfaiates e Costureiras, CACO, Frente de Mobilização Popular dos Ex-Combatentes, Associação dos Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil, Clube dos Suboficiais e Sargentos da Aeronáutica, Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Ferroviárias do Rio de Janeiro, Clube Beneficente dos Sargentos da Marinha, Sindicato dos Marceneiros, Associação dos Motoristas do Serviço Público, Sindicato dos Tálfeiros, Sindicato dos Práticos e Arrais, Sindicato dos Condutores Autônomos Rodoviários, União dos Operários do Estado do Rio, Associação dos Centros Pró-Melhoramentos e Entidades Congêneras do Estado do Rio, Sindicato de Bebidas, Sindicato dos Encasadores de Santos, Sindicato dos Encasadores de Paranaguá, CONTEC, Sindicato dos Marinheiros, Sindicato dos Maquinistas e Foguistas Terrestres e ainda o Sindicato dos Professores e a Sociedade dos Amigos de Cuba.



A Mesa

Representantes de diversas entidades participaram oficialmente da manifestação. Deputados e líderes do movimento feminino também compareceram.

novos fumos